

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

DENISE ARAÚJO

**O SENTIDO DA POLÍTICA E A RELAÇÃO COM A VERDADE FACTUAL NO
PENSAMENTO DE HANNAH ARENDT**



SÃO LUÍS
2012

DENISE ARAÚJO

**O SENTIDO DA POLÍTICA E A RELAÇÃO COM A VERDADE FACTUAL NO
PENSAMENTO DE HANNAH ARENDT**

Monografia apresentada ao Curso de Filosofia da
Universidade Federal do Maranhão para obtenção do
grau de licenciado em Filosofia.

Prof^ª. Ms Maria Olilia Serra.

SÃO LUÍS
2012

Araújo, Denise.

O sentido da política e a relação com a verdade factual no pensamento de Hannah Arendt / Denise Araujo. – 2012.

12,5 cm

50 fls

Impresso por computador (fotocópia)

Orientadora: Maria Olívia Serra.

Monografia (graduação) – Universidade Federal do Maranhão, Curso de Filosofia, 2012.

1. Política-Filosofia. 2. Totalitarismo. 3. Liberdade. 4. Hannah Arendt.

I. Título.

CDU 32:1

DENISE ARAÚJO

**O SENTIDO DA POLÍTICA E A RELAÇÃO COM A VERDADE FACTUAL NO
PENSAMENTO DE HANNAH ARENDT**

Monografia apresentada ao Curso de Filosofia da
Universidade Federal do Maranhão para obtenção do
grau de licenciado em Filosofia.

Aprovado em: / /

Nota: (_____)

BANCA EXAMINADORA

Profª Maria Olilia Serra (Orientadora)

Profº. (2º EXAMINADOR)

Profº. (3º EXAMINADOR)

AGRADECIMENTOS

Agradeço especialmente a Prof^a. Ms. Maria Olilia Serra pela orientação, disponibilidade e paciência com que orientou meu trabalho, sem ela o mesmo não seria possível;

A todos os professores do Departamento de Filosofia que contribuíram de forma significativa para minha formação;

Aos amigos e companheiros do PIBID pelas experiências compartilhadas: Prof^o. Dr. Almir Ferreira Junior, Abiasléia, Lidia, Jardelma, Luciana, Roberto, Fábio, Priscila, Deysielle Leonardo e, especialmente Nathalia Salazar pelo incentivo e palavras carinhosas sempre que nos encontrávamos;

A Davilene pela amizade e cumplicidade nos momentos de aflição e indecisão;

A minha grande amiga Lavínia, por seu incentivo e puxões de orelha sempre que necessário e, principalmente, por me mostrar o quanto é maravilhoso ter uma amizade verdadeira;

A meus irmãos Elenize e Clemilson que me fazem querer me superar sempre, além de me lembrarem da importância da família;

A Kelma pela amizade e a minha pequena Maria Rita por seu amor e carinho;

As amigas do Lar Universitário Rosa Amélia Gomes Bógea – LURAGB: Erika, Celeste, Talita, Deusamar e Ariadna.

LIBERDADE

Deve existir nos homens um sentimento profundo que corresponde a essa palavra LIBERDADE, pois sobre ela se têm escrito poemas e hinos, a ela se têm levantado estátuas e monumentos, por ela se tem até morrido com alegria e felicidade.

Diz-se que o homem nasceu livre, que a liberdade de cada um acaba onde começa a liberdade de outrem; que onde não há liberdade não há pátria; que a morte é preferível à falta de liberdade; que renunciar à liberdade é renunciar à própria condição humana; que a liberdade é o maior bem do mundo; que a liberdade é o oposto à fatalidade e à escravidão; nossos bisavós gritavam "Liberdade, Igualdade e Fraternidade! "; nossos avós cantaram: "Ou ficar a Pátria livre/ ou morrer pelo Brasil!"; nossos pais pediam: "Liberdade! Liberdade!/ abre as asas sobre nós", e nós recordamos todos os dias que "o sol da liberdade em raios fúlgidos/ brilhou no céu da Pátria..." – em certo instante.

Somos, pois, criaturas nutridas de liberdade há muito tempo, com disposições de cantá-la, amá-la, combater e certamente morrer por ela.

Ser livre — como diria o famoso conselheiro... é não ser escravo; é agir segundo a nossa cabeça e o nosso coração, mesmo tendo de partir esse coração e essa cabeça para encontrar um caminho... Enfim, ser livre é ser responsável, é repudiar a condição de autômato e de teleguiado — é proclamar o triunfo luminoso do espírito. (Suponho que seja isso.)

Ser livre é ir mais além: é buscar outro espaço, outras dimensões, é ampliar a órbita da vida. É não estar acorrentado. É não viver obrigatoriamente entre quatro paredes...

Cecília Meireles

RESUMO

Pretende-se com este trabalho compreender a concepção de política em Hannah Arendt, para tanto, faz-se necessário entender no que a política está assentada, uma vez que, para a autora esta não constitui um simples conceito. Mas, uma experiência tangível vivenciada poucas vezes na história da humanidade, tais como: na antiguidade Greco-romana. O objetivo desta pesquisa é encontrar a partir das ideias de Arendt lançadas nas obras: *O que é Política*, *Entre o Passado e o Futuro* e a *Condição Humana* um espaço para o levantamento de questões relacionadas a política e verdade enquanto um problema atual. O estudo tem como ponto de partida a compreensão do Totalitarismo, uma vez que este marca nas palavras da própria autora a sua tomada de consciência. Em seguida, abordaremos as experiências políticas encontradas na *polis* pré-filosófica, bem como, a crítica que a autora faz a tradição de pensamento ocidental e ao cristianismo enquanto pensamentos que obliteraram a política. Segundo a pensadora, a política constitui o espaço da pluralidade que é habitado por homens livres e conscientes de seu papel na vida pública. Assim, abordaremos os conceitos relacionados ao tema, tais como: liberdade e ação, no intuito de demonstrar como o homem contemporâneo encontra-se distanciado da experiência originária da política. E ao mesmo tempo, buscamos encontrar um sentido da política diante da despolitização do homem moderno e da ameaça a vida humana que faz com que o mesmo abandone a esfera pública e se preocupe cada vez mais, com a vida privada. Além disso, investigaremos o emprego da mentira e da propaganda nos governos totalitários e nas modernas democracias enquanto tentativa de alienar as massas do mundo comum. Entretanto, sem deixar de mencionar a esperança de mudança que representa cada novo ser que vem ao mundo.

Palavras-chave: Política. Totalitarismo. Liberdade. Hannah Arendt.

ABSTRACT

The aim of this study was to understand the concept of politics in Hannah Arendt, therefore, is necessary to understand what the policy is settled, since, for this author is not a simple concept. But a tangible experience seldom experienced in human history, such as the Greco-Roman antiquity. The objective of this research is to find ideas from the works of Arendt launched: *What is Politics, Between Past and Future Human Condition* and a space for raising issues related to politics and truth as a current problem. The study has as starting point the understanding of Totalitarianism, since this brand in the words of its author herself awareness. Then discuss the political experiences found in pre-philosophical polis, as well as criticism that the author makes the tradition of Western thought and Christianity while thoughts obliterated policy. According to the thinker, politics is the space of plurality that is inhabited by free men and aware of their role in public life. Thus, we discuss the concepts related to the theme, such as: freedom and action, in order to demonstrate how modern man is alienated from the original experience of politics. And while we try to make sense of politics before the depoliticization of modern man and the threat to human life that causes the same abandon the public sphere and worry increasingly private life. Furthermore, we will investigate the use of lies and propaganda in totalitarian governments in modern democracies and as an attempt to alienate the masses of the ordinary world. However, not to mention the hope of change that represents each new being comes into the world.

Keywords: Politics. Totalitarianism. Freedom. Hannah Arendt.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	09
2. O TOTALITARISMO COMO FENÔMENO DE RUPTURA COM A TRADIÇÃO OCIDENTAL.....	11
2.1 A vida como bem supremo e as consequências dessa visão para a dignidade da política.....	15
3. DO SENTIDO DA POLÍTICA.....	17
3.1 A Liberdade como práxis política.....	23
3.2 O agir político e a revelação do agente.....	28
4 A RELAÇÃO ENTRE POLITICA, AÇÃO E VERDADE FATUAL NO PENSAMENTO DE HANNAH ARENDT.....	33
4.1 O que representa uma ação política dissociada da verdade.....	41
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS.....	50

1 INTRODUÇÃO

O conceito de política no pensamento de Hannah Arendt não é de fácil definição, uma vez que é um conceito multifacetado, que foi trabalhado em diversas obras da autora e, que envolve aspectos teóricos e práticos. Embora, esta tenha um livro específico com o tema, intitulado: *O que é Política?* Este se constitui de fragmentos, visto que a pensadora não teve tempo de terminá-lo, ficando o mesmo inacabado. Contudo, isso não nos impede de tentar compreender o tema, pois como dissemos este aparece em vários momentos de suas obras, se constituindo a preocupação central de seu pensamento. Cabe lembrar que a autora supracitada em várias de suas entrevistas não se definia como filósofa, mas como pensadora política.

Para compreender o que Arendt entende por política é necessário pensar como esta construiu seu conceito de política, No entanto, nossa preocupação não é esvaziar o tema, pois além deste se constituir uma pesquisa inicial, devido aos vários aspectos complexos que o envolvem, seria impossível trabalhar todos aqui. O que pretendemos é interligar os vários aspectos referentes ao conceito de política com outros a ele relacionados.

Neste sentido, explicitaremos o conceito de política arendtiano e exporemos a relação entre este e outros apresentados pela autora, tais como: liberdade, ação e verdade factual. Para uma melhor compreensão, abordaremos também, o conceito de política na Democracia Ateniense e Republica Romana, como experiências políticas tangíveis e originárias do pensamento ocidental. Bem como, a perda da noção de política ao longo do tempo e como a Filosofia e o Cristianismo influenciaram para que isto viesse a acontecer. Assim, pensar o que influenciou Arendt a escrever sobre política é de fundamental importância para a apreensão dos eventos que obliteram a política, tais como: os regimes totalitários.

Destarte, é necessário falar de um sentido da política, que está intimamente relacionado ao espaço público, ao exercício da vida pública e a ideia de liberdade. Daí, a liberdade vir ao mundo como razão de ser da política, pois, para que haja um espaço público onde a política seja exercida vigorosamente é necessário que este seja composto por homens livres, uma vez que, se os homens não podem se relacionar livremente não há política.

Diante disso, faz-se necessário compreender a concepção de liberdade em Arendt que difere muito da noção consagrada pela Tradição Filosófica, podemos mesmo classificá-la como crítica dessa concepção. Pois, para ela, a Tradição Filosófica obscurece a noção de

liberdade, retirando-a do âmbito político ou dos negócios humanos e colocando-a como conceito, ou como substrato proveniente da vontade.

Por outro lado, a tradição cristã também contribui para deturpar a noção de liberdade ao tomá-la como livre arbítrio, ao contrário do que pensa Arendt, que vê a política como não pertencendo à interioridade, nem mesmo a encontramos individualmente, mas no âmbito dos assuntos humanos, no espaço intramundano onde os homens se relacionam através dos assuntos comuns que constituem o interesse pela vida pública, através da troca de opinião, do debate e do conflito. Além disso, o Liberalismo permitiu que a vida privada passasse a figurar na vida pública, fazendo com que as liberdades individuais ou civis viessem a ser mais valorizadas em detrimento a participação política.

O Estado e a filosofia moderna também contribuíram para o esfacelamento da política, ao colocar a vida, a segurança e a propriedade como bens supremos. Assim, o homem moderno está mais preocupado com a vida doméstica e com a garantia de seus bens do que com a vida pública. Deixando a política por conta dos políticos profissionais.

Arendt pensa à sua época, ou seja, como os regimes totalitários trabalharam para eliminar a liberdade e, com isso, a política pelo uso da propaganda e da manipulação das massas, bem como, pela ideologia e terror fazendo com que o homem se afastasse cada vez mais da política. Perpetrando a mentira pela imagem, ocasionando o depauperamento da verdade no espaço público, aqui nos referimos à verdade factual aquela que se dá no mundo público, ou seja, os fatos, os eventos históricos que tem várias testemunhas e possuem registros, documentos. Mas, que sofre com a investida de governos violentos que buscam não apenas escondê-la, mas destruí-la através da falsificação de documentos e registros, assim como, pela eliminação de testemunhas e, principalmente, através do autoengano.

Nesse sentido, trataremos neste trabalho das dificuldades do homem contemporâneo em relação à política, dos preconceitos contra a política. Abordando qual é o sentido de política vivenciado outrora na Grécia e em Roma e o que é a política hoje do ponto de vista objetivo, mais precisamente, a partir do Ensaio: *Verdade e Política* que em nosso entendimento demonstra o que significa um ambiente político deturpado. Mais exatamente, tentaremos demonstrar como a política se distanciou de seu sentido original tornando-se um espaço da dominação, da violência e da mentira.

Assim, no primeiro capítulo trataremos do totalitarismo e, conseqüentemente do contexto histórico que induziu Arendt a escrever sobre política; no segundo capítulo

abordaremos o sentido da política e como a tradição filosófica cristã esvaziou o mesmo; no terceiro capítulo, faremos a relação entre verdade factual e política explicitando como os governos totalitários e as modernas democracias tem tentado dissociar política e verdade, bem como, as consequências disso para a dignidade da política.

2 O TOTALITARISMO COMO FENÔMENO DE RUPTURA COM A TRADIÇÃO OCIDENTAL

O século XX trouxe consigo uma série de mudanças que abalaram a maneira de pensar e agir do homem moderno, forçando-o a rever seus valores, crenças, conhecimentos e atitudes em relação à política. Assim, o terror que se apoderou deste com o advento das duas grandes guerras foi algo jamais visto e, talvez inimaginado.

Ocorreram mudanças desde a base de conhecimentos à maneira de pensar inclusive da filosofia, abolindo várias certezas inquestionáveis do pensamento clássico e da própria Filosofia Moderna. Isso ocorreu tanto no campo social, quanto econômico, científico e ético. E foi marcado por intensos conflitos, como: as duas Grandes Guerras, a Revolução Russa, o Holocausto, a Crise de 1929, as guerras civis e, o assassinato de milhões de pessoas que puseram em dúvida a racionalidade humana e a ideia de um progresso inclusive moral através da razão, contudo o que se viu foi uma situação de barbárie que agora contava com uso da tecnologia. Mais do que isso o Totalitarismo promoveu uma ruptura total com a tradição, como nos elucidava Xarão:

Até o surgimento do totalitarismo, toda a história política do ocidente podia ser abarcada pelas referências tradicionais. Se todos os eventos anteriores que promoveram rupturas acomodaram-se, até certo ponto, no quadro da tradição e puderam ser assim considerados como herança desta, no caso do totalitarismo isso é impossível. (2000, p. 30)

Vimos com isso uma reviravolta nos padrões tradicionais. Isto é, a tradição já não dava mais conta de explicar ou compreender o mundo, pois os problemas eram outros e exigiam um novo tipo de pensamento. Compreender porque o homem criara e fazia uso de armas de destruição em massa; o porquê das experiências do holocausto e o genocídio levaram a judia alemã Hannah Arendt a escrever sobre política, uma vez que, a racionalidade e, principalmente, a ideia de um progresso moral advindo do Iluminismo estavam sendo postos em questão, pois como era possível que seres racionais destruam seu próximo, a si mesmo e, a sua casa: o mundo? Diante disso, foi necessário pensar: moral e a política sob um novo enfoque perante a nova conjuntura mundial dividida entre dominadores e dominados. E

a pergunta crucial diante da banalização da vida humana é: qual o sentido da Política? Ou mais precisamente, tem ainda a política algum sentido?

Neste contexto, surgem de um lado correntes existencialistas que questionam sobre o sentido da vida em um mundo onde prevalece o desamparo, a solidão e o medo, enfim a angústia que se sente diante de um mundo em guerra. De outro, os frankfurtianos de viés marxista que assistiam o fracasso da ideia de que a luta entre burguesia e proletariado iria mudar a conjuntura mundial, ao contrário disso o que se viu foi o crescente fortalecimento da primeira. O que essas duas correntes possuem em comum é o fato de terem sido predominantemente pessimistas em relação ao rumo que o progresso e a vida humana haviam tomado.

O que se observou então, em termos de manifestações políticas foi o Fascismo, Nazismo, Ditaduras Militares na América Latina que trouxeram um profundo irracionalismo. O totalitarismo foi uma forma de governo fundada na solidão do homem moderno, com sua política de dominação das massas através da ideologia e do terror. Há uma total privação da liberdade jamais experimentada antes do Nazismo e do Stalinismo. O mundo foi impactado pelas consequências dos atos de nações que dispunham de grande poderio bélico e que, por isso, causaram a destruição em massa de milhares de pessoas e mostraram a este: o medo e o terror de um sistema político e econômico pautado na violência e total desrespeito à vida humana.

Foi o totalitarismo surgido na Alemanha nazista ou mais especificamente, o antissemitismo que impulsionou Arendt a escrever sobre política, pois ela se questionava: Que sentido tem ainda a política em um mundo que faz uso da tecnologia para destruir seus inimigos? Em um mundo caótico onde a vida humana é irrelevante e a técnica domina, provocando medo e terror. Como o frágil ser humano pode sobreviver? Que lugar tem a política neste contexto?

Para Arendt o totalitarismo constitui um fenômeno iluminador, porquanto, representa a sua tomada de consciência, ou de tentativa de compreensão do presente, sem os padrões tradicionais (bom-mau, justo-injusto, amigo-inimigo). Embora, o totalitarismo não represente uma novidade em termos de dominação, pois contém elementos presentes em outras formas de dominação, tais como: ditadura e tirania. Mas, representa um fenômeno de ruptura ao tentar mudar a natureza humana ou fazer uma deformação da mesma através do terror, da ideologia e da organização burocrática das massas. Além disso, o que põe o

totalitarismo como fenômeno de rompimento é a falta de resposta do pensamento tradicional para seus acontecimentos e mais terrível ainda a falta de perguntas, gerando uma crise no pensamento ocidental que poderia nunca ter sido percebida sem o aparecimento do mesmo.

Podemos dizer que o Totalitarismo já estava em germe no antissemitismo moderno, por isso, é importante a compreensão deste fenômeno e de seus desdobramentos, abordados nesta passagem por Lafer:

Para Hannah Arendt o anti-semitismo moderno, ao contrário do tradicional, caracterizado pelo padrão de tolerância e de exclusão, é fruto das tensões entre Estado e Sociedade Civil, que surgiram na Europa a partir da Revolução Francesa, com a expansão da igualdade e a extensão da cidadania. Neste processo, os judeus, por que estavam vinculados ao fortalecimento do Estado, absorveram e catalizaram as irritações da Sociedade Civil. Daí o aparecimento do anti-semitismo moderno como instrumento de manipulação do poder no interior do sistema político, relevante para a compreensão do sistema totalitário na medida em que antecipa dois de seus meios de ação: o conceito de “*inimigo objetivo*” e o uso da mentira. (1979, p. 24)

O que chama a atenção neste evento é a criação do termo inimigo objetivo que se instaurou contra os judeus ou contra todos os judeus independentes de sua conduta individual, daí porque, falar em perda dos Direitos do Homem, pois estes não tinham direito a responder por seus atos individualmente, pois, só o fato de serem judeus já era motivo suficiente para serem “condenados” se é que se pode usar a palavra condenação, haja vista não haver julgamento, apenas genocídio, massacre.

Dois fatores contribuíram para o surgimento do Totalitarismo: o antissemitismo moderno e o Imperialismo (que proporcionou a ascensão da burguesia que cuidava dos negócios privados e passa a assumir a gestão do Estado). O expansionismo capitalista com sua prática de dominação pela violência gerou o racismo no homem ocidental, que carrega o germe do genocídio, pois que, tratava-se da insensibilidade do homem europeu em lidar com outros povos. O totalitarismo foi um movimento que entre outras atrocidades expatriou pessoas, gerou a perda dos direitos do homem até culminar nos campos de concentração.

O Totalitarismo traz o terror ao implantar a suspeita generalizada, todos são suspeitos, e devem vigiar uns aos outros. E para garantir a manipulação das massas divulga sua ideologia pela propaganda, criando imagens e fatos mentirosos com o intuito de manter as mesmas sob controle. Eis porque, abordaremos o problema da verdade factual neste trabalho, uma vez que, ela é imprescindível no cenário político, pois se manifesta através do diálogo entre homens livres, o que se torna impossível no ambiente de dominação total, porque neste

contexto, procura-se impetrar a mentira para desfigurar os fatos além de romper o espaço do debate e suprimir a liberdade.

O evento totalitário provou que tudo é possível e, que não há limite para a deformação da natureza humana. Nos campos de concentração subjugava-se o ser humano a condição de animal lutando precariamente pela sobrevivência, impedindo-o de vivenciar a liberação, tão cara ao espaço da palavra e da ação. Entretanto, não só os judeus foram submetidos a essa condição, mas, também as massas preocupadas em consumir e enrijecidas por um padrão de comportamento disseminado pelos meios de comunicação que erigiram uma versão oficial dos fatos, suscitando a unanimidade. De tal modo, documentos eram forjados como o Protocolo dos Sábios de Sião que seria um projeto de dominação universal dos judeus criado na Rússia czarista e, hoje sabidamente uma falsificação. Onde podemos perceber a utilização da mentira pela propaganda para disseminar uma ideologia. Como afirma Lafer:

De fato, o totalitarismo, ao monopolizar a expressão da verdade procura através da propaganda e do controle dos meios de comunicação assegurar uma versão oficial dos fatos, desfigurando-os para adequá-los à sua ideologia. Da mesma maneira o anti-semitismo moderno, como se pode ver pelo uso dos Protocolo dos Sábios de Sião — uma falsificação elaborada no século XIX pela policia secreta da Rússia czarista e atribuída aos judeus como um projeto de dominação universal empregou e emprega a mentira de uma falsificação para fins de propaganda antijudaica, inventando acontecimentos para ajustá-los a uma ideologia. (1979, p. 47)

Neste contexto, quem ousa discordar, dizer a verdade ou questionar deve ser severamente punido, isolado e eliminado, desta forma o regime totalitário difere de outras formas de dominação que procuram impedir os ataques contra o governo, à medida que é uma tentativa de eliminar a liberdade e não apenas cerceá-la, constituindo assim, uma novidade impossível de se encaixar nos padrões morais e de pensamento da tradição.

Ali os homens são separados de um mundo comum que busca através da dominação, do estabelecimento do comportamento padrão destruir o humano no homem, negando a este qualquer direito ou proteção da lei que só existe num ambiente político, onde há liberdade para pensar, falar e agir. Essa negação da liberdade impede que os homens estejam juntos e coexistam em um mundo comum.

2.1 A vida como bem supremo e as consequências dessa visão para a dignidade da política

Por vida devemos entender tudo que envolve as coisas menos duráveis e necessárias à manutenção do corpo orgânico. É o processo vital do animal humano dentro do movimento cíclico da natureza. É assim, um processo de consumo de tudo o que é perecível. Para Arendt a natureza desconhece nascimento e morte, somente o homem dá sentido ao movimento cíclico da natureza ao diferenciar ou individualizar uma árvore, ou um coelho. Sem ele não se perceberia na natureza um processo biológico de nascimento e declínio. A vida humana está fadada ao mesmo processo, pois tem início um ciclo quando de seu nascimento que será interrompido pela morte. A vida consiste, pois neste intervalo de tempo.

O homem é em si um ente único, individual que habita um mundo que sobreviverá a si mesmo, e a única forma de continuar vivo ou de sobreviver à morte é através da ação e do discurso ou da história narrada sobre seus feitos.

No entanto, o que sustenta o ciclo da vida biológica é o trabalho, que produz bens não duráveis, especialmente para serem devorados e gerar mais energia para que o corpo trabalhe outra vez para repetir o processo. Ou seja, para garantir a manutenção da vida pelo consumo e, assim suprir a necessidade de subsistência.

Entretanto, na Antiguidade a manutenção da vida era um problema de ordem privada e até mesmo visto com falta de apreço (como explicaremos mais adiante), uma vez que, o homem livre era aquele que estava salvaguardado da preocupação com a subsistência. O que se verificou com o advento do cristianismo foi a elevação da vida ao bem supremo e a vitória do animal *Laborans*¹.

A sociedade cristã sacralizou a vida, e, se o escravo na Antiguidade era visto como “desprezível”, pois era preferível morrer a se deixar escravizar, com o advento do

¹ Arendt divide a vida humana entre três experiências básicas, a saber: a do animal *Laborans*, que consiste em suprir a necessidade do processo biológico, que é sua própria vida, pois consiste no seu metabolismo. E está fadado ao trabalho ou as tarefas penosas com o fim de manutenção da vida; A segunda, experiência é a do *homo faber*, que fabrica objetos com matéria prima retirada da natureza e cria um espaço de objetos que une e separa os homens no mundo. Tanto o artesão quanto o artista estão inclusos nesta categoria; Já a terceira, a *vita activa* é o campo da política onde os homens se inserem por palavras e ações, mas para que isto ocorra devem estar liberados das outras duas. Entretanto, no momento em que os homens deixaram de colocar a preocupação com o mundo comum em primeiro lugar, como ocorria na Antiguidade greco-romana e a vida passou a ser o bem supremo, ocorreu a vitória do animal *laborans* e, conseqüentemente, um declínio da atividade política, visto que o homem se curvou ao peso da necessidade.

cristianismo o escravo passou a ser visto como alguém que está disposto a “pagar” seus pecados pelo sofrimento do trabalho.

Segundo Arendt, Cristo pregou a esperança na imortalidade da alma, na certeza de um mundo melhor para os merecedores e, portanto, houve um desapego do mundo comum, isto é, se antes a felicidade era alcançada somente na *polis*, agora se poderia almejá-la em um além-mundo por meio de Cristo e da remissão dos pecados, mesmo que o mundo estivesse condenado. As consequências desta visão para a política são:

Historicamente, é mais que provável a vitória da fé cristã no mundo antigo tenha se devido em grande parte a essa inversão, que trouxe esperança para aqueles que sabiam que o seu mundo estava condenado — na verdade, uma esperança além de toda esperança, visto que a nova mensagem prometia uma imortalidade pela qual eles jamais haviam ousado esperar. Essa inversão só podia ser desastrosa para a estima e dignidade da política, que até então retirara sua maior inspiração da aspiração à imortalidade mundana, baixou agora ao nível de uma atividade sujeita a necessidade, destinada a remediar, de um lado, as consequências da pecaminosidade do homem, e, de outro, a atender as carências e interesses legítimos da vida terrena. Daí por diante, qualquer aspiração à imortalidade só podia ser equacionada com a vanglória; toda fama que o mundo pudesse outorgar ao homem era ilusória, o mundo era ainda mais perecível que o homem e uma luta pela imortalidade mundana era sem sentido, visto que a própria vida era imortal. (ARENDR, 2010, p. 393)

Assim, a imortalidade da alma passa a ser o interesse central do ocidente, fazendo com que a vida seja o bem supremo do homem, visto esta ser a passagem para a vida imortal. E se antes a Antiguidade via o trabalho com “aversão”, nesta sociedade ele é fundamental não só para manter o corpo vivo, como também para expiação dos pecados. Abordamos essa visão de mundo que tanto influenciou o ocidente, pois ela constitui um traço importante para a compreensão do fenômeno político ou de sua degradação, visto que, a inversão entre mundo e vida passando esta última a constituir o centro das preocupações do homem ocidental constitui nas palavras da própria Arendt o ponto de partida para todo desenvolvimento moderno.

3 DO SENTIDO DA POLÍTICA

Sem dúvida a política para Hannah Arendt nasce da pluralidade, ou seja, do espaço público onde o homem convive com outros que são diferentes de si mesmo. Assim, a política surge no intraespaço mundano, na convivência, isto é, fora dos homens numa relação dialógica e contrária ao mesmo tempo. No entanto, esta visão da política se perdeu ao longo do tempo e o século XX trouxe o novo e assustador, a Segunda Guerra Mundial e os governos totalitários, que, aliás, serve de cenário para que Arendt escreva sua obra: *O que é política?* Da qual reiteramos as considerações que se seguem.

A política atualmente vê-se cada vez mais afastada do espaço da diversidade e da convivência, pois o medo do extermínio no início do século XX que nos ameaça constantemente, visto esta possibilidade ainda existir (talvez seja cada vez mais forte) e nos assombrar de tal maneira que passamos a ter certo preconceito com a política como nos alerta Arendt: “[...] a concepção de a política ser, em seu âmago interior uma teia de velhacarias de interesses mesquinhos e de ideologia mais mesquinha ainda, ao passo que a política exterior oscila entre a propaganda vazia e a pura violência” (2006, p. 27). Essa concepção tem nos afastado da política já que, “não somos políticos profissionais”. E por ser mais cômodo deixamos que a política seja articulada por políticos profissionais enquanto nós abrimos mão de nosso direito de participação na vida pública e delegamos tal direito a outros.

No entanto, o preconceito que temos com a política, é algo político², uma vez que, nasce entre os homens em determinada época e estrutura social, todavia, o perigo é arrastá-lo sem julgamento de sua validade através dos anos e permitir que ele nos engesse de tal forma que nos afaste de uma consciência crítica sobre o mesmo ou, que nos leve a abandonar qualquer questão relacionada à política, a vida pública e nos faça crer que alguém estaria apto a cuidar melhor desses assuntos do que nós.

Com o advento do Estado, que é tido por muitos como um mal necessário entregamos a nossa participação na vida política a um homem ou a uma minoria, o que nos fez abandonar nossa condição de ser atuante no campo político, abrimos assim, mão de nossa

² O fato de termos preconceitos com a política demonstra um sentimento político, no sentido de que, nasce da nossa dificuldade em lidar com aquilo que a política se transformou em nossos dias, uma vez que, não somos políticos profissionais e desconfiamos que a política seja de fato uma “teia de velhacarias” como explica Arendt: “No entanto, esses preconceitos não são juízos definitivos. Indicam que chegamos a uma situação na qual não sabemos — pelo menos *ainda*—nos mover politicamente.” (2006, p. 25).

própria liberdade, pois este é o campo onde a exercitamos. E a liberdade é o próprio sentido da política, uma vez que, sem liberdade não há política.

Vivemos em nosso mundo interior e nos preocupamos com nossa própria sobrevivência e propriedade por isso nos afastamos da vida política em si que, segundo Arendt, foi experimentada poucas vezes na história da humanidade. E para demonstrar o exemplo de um povo que vivenciou o verdadeiro sentido da política a autora nos coloca diante do exemplo grego, ou da *polis* grega, longe da época atual onde se pensa a política apenas como garantia da vida, na *polis* grega era exatamente o contrário, pois o homem livre antes de se inserir na vida pública havia garantido sua sobrevivência pela dominação do escravo e da própria família, ou seja, quando este já não estava subordinado às necessidades, como era o caso da Oligarquia ou Aristocracia. Desse modo, conviviam com seus iguais e tinham liberdade para falar e agir livremente, discutir com seus semelhantes na *ágora* de igual para igual e experimentar a verdadeira vida política (isonomia).

Diferente dos tempos modernos onde a política é um meio para manutenção e garantia da vida, na *polis* a política era o objetivo mais elevado, portanto, para vivenciá-la era preciso certa liberação das preocupações com a sobrevivência, com a vida doméstica e, neste sentido, podemos dizer que a liberdade é pré-política, uma vez que, só quem está livre das preocupações com a subsistência pode experimentar a política livremente.

Deste modo, a política como afirma Arendt não é uma necessidade nem tão pouco um mal necessário como se pensa atualmente, mas ela começa onde termina a necessidade. A perda da liberdade significa a perda da política e só o homem livre é capaz de política. Enquanto que atualmente se sacrifica a liberdade em nome da política como no início do século XX com as grandes guerras: “As duas experiências nas quais se inflama a pergunta sobre o sentido da política são as experiências políticas fundamentais de nossa época” (ARENDR, 2006, p. 40). Experiências essas onde a liberdade se vê ameaçada a falar publicamente, ou seja, expressar sua opinião entre seus semelhantes já não é permitido ao homem, gerando uma sensação de medo que ameaça destruir a vida política.

Enquanto na Grécia o homem estava liberado das necessidades da vida para vivenciar a política, nos governos totalitários este já não a vivencia por medo de perder a vida, pois expressar sua opinião em tempos de guerra pode lhe custar a vida, portanto, aqui o homem deve “sacrificar” não só o falar, mas o agir livre em nome do desenvolvimento

histórico³, pois como nos coloca Arendt modernamente o homem já não se sente parte da vida política e assiste passivo ao desenvolvimento de uma política do terror que o paralisa, pois que o fizeram acreditar que sua participação é desnecessária, que ele deve deixar que outros, mais versados em política cuidem dos assuntos referentes à vida pública:

Mas o verdadeiro novo e assustador desse empreendimento não é a negação da liberdade ou a afirmação que a liberdade não é boa nem necessária para o homem, e sim a concepção segundo a qual a liberdade dos homens precisa ser sacrificada para o desenvolvimento histórico, cujo processo só pode ser impedido pelo homem quando este age e se move em liberdade. Essa concepção é comum a todos os movimentos ideológicos específicos. Do ponto de vista teórico, torna-se decisivo a liberdade não ser localizada nem no homem atuante e semovente e nem no espaço que surge entre os homens, mas sim apresentada num processo que se realiza pelas costas do homem atuante e age, às escondidas, do outro lado do espaço visível dos assuntos públicos. (ARENDR, 2006, p. 51)

Há aqui dois elementos importantes para o campo da vida pública que sofreram uma inversão em nome do desenvolvimento histórico, o primeiro, a imolação da liberdade, pois, se antes a liberdade era essencial ao campo da política, neste contexto, ela deve ser sacrificada, pois que é vista como prejudicial, ao desenvolvimento ideológico que teme a capacidade de agir do homem e, o segundo que é a capacidade do homem de agir fazendo parecer que ele não é a mola do processo histórico, mas um simples fantoche. Tudo isso, em nome de um desenvolvimento histórico ou de um progresso que pode levar ao fim da humanidade, gerando um paradoxo insustentável.

Pois se o objetivo da política na modernidade é a garantia da vida porque então criar armas de destruição em massa que podem por fim não só a vida humana, mas a toda a vida orgânica? Tal paradoxo leva Arendt a se questionar: qual o sentido da política atualmente, pois se outrora o sentido era a liberdade ou a própria política, uma vez que, na *polis* grega elas são uma e mesma coisa, hoje seria a manutenção da vida, mas como garantir essa sobrevivência em meio à possibilidade do extermínio total? Portanto, Arendt vai mais fundo na questão e inquirir: tem a política algum sentido?

³ Se na Grécia antiga, o homem ao estar liberado das preocupações com a vida doméstica torna-se a mola do fazer político, no contexto do Estado totalitário, o moderno conceito de história substituiu o conceito de política e o agir político foi diluído no acontecer histórico, parafraseando Arendt, de maneira que os homens foram encaixados ao fluxo da história exclusivamente como não podendo obstruir esse fluxo, ao contrário, tornando-se um momento de sua aceleração. Isso acontece por um processo de coação do terror e da pressão do pensamento ideológico que leva a abolição da liberdade, ou seja, do falar e agir livre.

A pergunta atual surge a partir de experiências bem reais que se teve com a política, ela se inflama com a desgraça que a política causou em nosso século, e na maior desgraça que ameaça resultar delas. Por conseguinte a pergunta é muito mais radical, muito mais agressiva, muito mais desesperada: tem a política ainda algum sentido (2006, p. 38).

Entretanto, até chegar a esse quadro de desespero a visão da política foi se alterando ao longo dos anos. Assim como a resposta à pergunta sobre o sentido da política: a liberdade, que é uma herança da *polis* grega onde ser livre significava arriscar a vida em nome de uma causa, e o não livre era justamente aquele que estava agarrado à vida. A manifestação da liberdade se dava no espaço público diante de homens livres, como aparece em Homero que é citado por Arendt como modelo de um desenvolvimento político pleno.

Em Homero falar e agir caminham juntos, o grande orador está agindo ao convencer outros a segui-lo, entretanto, com Platão passou-se a rejeitar o simples ato de falar, de emitir opinião, com a criação da academia que opôs verdade e opinião, pois as opiniões aqui passam a ser vistas com desconfiança e busca-se a verdade. No entanto, ainda aqui a liberdade não foi dissociada da cena política, no sentido de que, Platão afirma que a *polis* nasce dos grandes acontecimentos políticos, que é a guerra e, esta acontecia de acordo com a liberdade do homem para agir ou não, pois a opção de não guerrear existia, desde que os inimigos entrassem em acordo.

Mais tarde com o advento do cristianismo e, mais especificamente, com Santo Agostinho, passou-se a buscar uma liberdade interior, herança da antiguidade agora fundamentada por este. Salientando que a liberdade se encontra no interior de cada um, ou seja, cada homem pode experimentar diante de um mundo caótico a liberdade dentro de si mesmo, assim:

É interessante notar que, historicamente, o aparecimento do problema da liberdade na filosofia de Agostinho foi, assim, precedido da tentativa consciente de divorciar da política a noção de liberdade, de chegar a uma formulação através da qual fosse possível ser escravo no mundo e ainda assim ser livre (ARENDR, 2009, p. 193).

Nasce o individualismo, a solidão⁴ tão nefasta ao campo da política, pois se o homem experiencia a liberdade interior, já não precisa mais compartilha-la no convívio com os outros, já não precisa de um espaço público fora de si mesmo onde a liberdade se manifeste no diálogo com o outro. Logo, pode viver sua própria liberdade em silêncio, e assim, definir o espaço público onde falar significa também agir enquanto esforço para convencer outros a segui-lo; porquanto, o homem ao falar não pode prescindir da presença de outros para ouvi-lo e ao agir necessita também de outros que o ajudem. Essa ideia de liberdade foi se perdendo até chegar ao conceito de política moderna baseado na luta pelas liberdades individuais ou civis.

Somente no isolamento ou na solidão da liberdade interior o homem pode abrir mão de sua capacidade de ação em nome de uma liberdade que é ilusória, visto que, a liberdade só se manifesta no espaço público. Tomamos consciência de nossa liberdade somente observando e respeitando a liberdade do outro de se contrapor à nossa opinião e se contrapor ou concordar com os demais.

A liberdade no espaço público é uma espontaneidade⁵, para Arendt este constitui o termo mais aproximado para uma definição de liberdade, pois tudo que é produzido desde as ações puras da política até uma obra de arte necessita da ação espontânea do agente, esta espontaneidade está diretamente relacionada à palavra grega *archein*, ou seja, começar. Começar algo novo, um ato que nasce do momento ou da vontade livre do homem diante de uma dada situação, portanto, a espontaneidade é uma condição pré-política, pois o falar e o agir livre nascem da espontaneidade do homem ou de uma pré-disposição para impetrar a

⁴ A solidão é a experiência de isolamento do homem moderno, entretanto, não devemos entender com isto apenas o estar a sós, pode-se estar isolado na solidão do pensamento o que, no entanto, não pressupõe estar isolado do mundo. A solidão faz parte da vida do homem. O estar só a que nos referimos constitui um tipo de solidão do homem moderno que se sente isolado de seus semelhantes, sua mais radical manifestação se dá na experiência da dor. Este tipo de solidão é nocivo ao âmbito dos negócios humanos, uma vez que, afasta o homem do mundo que o cerca, e inspirou um governo baseado no terror e na ideologia.

⁵ Celso Lafér explica tal conceito: “O abismo da pura espontaneidade, explica Hannah Arendt, é, portanto transposto nas duas alegorias de fundação instauradoras da tradição ocidental — a única que fez da liberdade à razão de ser da política — pelo hiato entre a liberação da opressão e a ‘*constitutio libertatis*’, no qual o novo é compreendido como um aperfeiçoado realizar do velho. Este novo, se não é *princípium*, é, sem dúvida, um *initium*, dada a natureza temporal e contingente do homem, que deve sua vida não à multiplicação da espécie, mas sim ao nascimento que, como algo novo, surge no meio do contínuo do tempo do mundo.” (1979, p.120).

mudança, que nas modernas formas de Estado tem desaparecido cada vez mais, visto ser a capacidade de falar e agir delegada aos políticos profissionais.

Diante do terror, no século XX, esta espontaneidade foi eliminada por completo, visto cada palavra e ato ser executado com todo o cuidado sob o risco de se pagar com a vida, como vimos, na *polis* grega também se exigia coragem e até o sacrifício da vida, porém, o que se manifestou no mundo moderno foi algo terrível e não há nada de heróico em arriscar a vida e, talvez, a vida de vários homens por uma causa (a política) que não seja resolvida com acordos ou lutas, mas com o extermínio total.

Assim, se a liberdade já foi um meio para a política hoje ela é um fim, ou seja, o objetivo é encontrar a liberdade perdida ao longo da história desde Platão até os modernos Estados, pois o conteúdo e a extensão da liberdade mudaram e, como salientou Arendt a emancipação feminina e da classe operária, já é, por si só, uma demonstração de que a liberdade encontra-se situada fora do âmbito político, hoje ela é buscada de várias formas e nas mais diversas situações, pois o espaço público já não a abriga mais. E pode-se dizer que esta até rivaliza com a vida, pois é preciso definir o bem mais precioso atualmente, a liberdade ou a vida? E mais uma vez, a vida deve prevalecer, pois como se pode falar em liberdade quando se corre o risco de não haver nenhuma vida. No entanto, esta liberdade parece perdida e a vida corre o risco de ser eliminada para sempre.

A política interna de um país sempre esteve preocupada em garantir a vida de seus cidadãos e externamente se preocupa com a liberdade, pois sempre houve o risco de cair nas mãos do inimigo e perdê-la. Para evitar tal tragédia se faz necessário o uso da força, ou seja, o agir violento, no entanto, no Estado Moderno a força ou o agir violento se aliou ao poder⁶ que é dado pela maioria e ameaça a vida, “[...] por que só agora dispomos da possibilidade de pôr fim à vida da humanidade e a toda vida orgânica [...]” (ARENDDT, 2006, p. 77), pois a força agora conta com a técnica e com as armas de destruição em massa, e da aliança entre poder e

⁶ Faz-se necessário diferenciar o conceito de poder Greco-romano que estava assentado no consentimento e não na violência, ao consistir no apoio as leis, as quais os cidadãos haviam dado seu consentimento no momento de fundação da comunidade política. Assim: “O único fator indispensável para a geração do poder é a convivência entre os homens. Estes só retém poder quando vivem tão próximos uns aos outros que as potencialidades da ação estão sempre presentes: portanto, a fundação de cidades, que como cidades-Estados se converteram em paradigmas para toda organização política ocidental, é na verdade a condição prévia material mais importante do poder.” (ARENDDT, 2010. p. 251). Entretanto, à medida que essa noção foi sendo pervertida o que se manifestou na tradição de pensamento foi uma ideia de poder baseada na violência, que consiste na dominação do homem ao seu semelhante pela força, que um homem ou um grupo de homens pode adquirir ao se apropriar dos meios mais violentos. Grosso modo, o poder está assentado na pluralidade enquanto a força se baseia na violência.

força nasce à ideologia do terror difundindo o medo e a desconfiança em relação à política e ao futuro que nos espera diante de tal contexto.

Entretanto, surge uma esperança que se oferece a cada nascimento, pois que cada criança que vem ao mundo tem a possibilidade de começar algo novo e mudar o que está posto, pois ela é em si um milagre, não no sentido do milagre bíblico que nos parece distante, mas um milagre enquanto possibilidade, enquanto ser de ação, um ser novo que não teve a espontaneidade mutilada pela história humana. Assim:

É característico do agir a capacidade de desencadear processos, cujo automatismo depois parece muito semelhante ao dos processos naturais; é-lhe característico, inclusive, o poder impor um novo começo, começar algo de novo, tomar iniciativa ou, adotando o estilo de Kant, começar uma cadeia espontaneamente. O Milagre da liberdade está contido nesse poder-começar que, por seu lado, está contido no fato de que cada homem é em si um novo começo, uma vez que, por meio do nascimento, veio ao mundo que existia antes dele e vai continuar existindo depois dele (ARENDDT, 2006, p. 43-44).

Assim, o homem necessita lembrar de que os processos sempre podem ser interrompidos, bem como este por carregar em si a capacidade de agir, mudar o que está posto realizar o milagre ao exercitar sua liberdade e dar início a novos processos. Desta feita, mais que falar em liberdade ou exigir liberdade na cena pública é necessário praticá-la e, para tanto, não necessitamos de permissão, pois podemos impor um novo começo.

Abordaremos a seguir dois conceitos que são cruciais para o entendimento, de política para Hannah Arendt liberdade e Ação.

3.1 A liberdade como práxis política

Hannah Arendt procura nos dar uma definição do que seja liberdade, entretanto, como ela mesma admite essa parece ser uma empresa irrealizável aos olhos dos contemporâneos que perderam a noção do que seja tal coisa, a começar pelo fato de que a liberdade não é um conceito, mas uma experiência que deixamos de vivenciar. E para corroborar isso Arendt irá mostrar que em alguns momentos da história da humanidade nós a experimentamos e, também, iremos abordar como ao longo da história isso foi se perdendo, cada vez mais, até chegar às experiências de terror do século XX.

Para ilustrar em que momento a humanidade vivenciou a liberdade é necessário fazer um retorno à Antiguidade Clássica para demonstrar como os gregos e os romanos

conheciam bem a liberdade, pois tanto na língua grega quanto na romana existe a palavra *archein*⁷, ou seja, começar, e *práttein* “levar acabo alguma coisa” embora, com significado um pouco distinto o resultado parece o mesmo começar algo novo, fazer vir ao mundo àquilo que não existia, agir. E este agir se dá na presença de outros.

O homem para agir na *polis* precisa da companhia de outros, que irão ouvi-lo, se contrapor, ou segui-lo, mas, para tanto, ele precisa está liberado das necessidades vitais, porque este homem é o chefe da família ou, o governante. O chefe da família que exercia sua autoridade no lar e possuía escravos para servi-lo fazendo com que ele não necessitasse trabalhar para garantir o sustento e, assim, estar livre para desfrutar da companhia de seus iguais, de homens livres como ele, por isso, a família não é um corpo político, pois ela existia para garantir as necessidades vitais, assim como, nem todos os homens podiam participar da vida política como os escravos e os estrangeiros, somente os homens livres podiam fazê-lo. Roma por seu lado vivencia essa ideia de liberdade na sua própria fundação, ou seja, de sua história que é transmitida as gerações que devem guardá-la e segui-la como exemplo.

Entretanto, é na Grécia, ou melhor, na *polis* grega que Arendt pauta seu ideal de liberdade, que está relacionada à vida política, e não há sentido falar em liberdade fora desse âmbito, uma vez que, vive-se essa liberdade no espaço intra-humano, ou seja, na companhia de outros na *ágora*. As preocupações com os assuntos da *polis*, interessava a todos os homens livres. Assim, a liberdade não é um conceito, mas uma realidade que é experimentada no espaço político do aparecer, da ação. Somente o homem que age é livre, ou seja, aquele que tem o poder de começar, de trazer ao mundo o impensável. O espaço onde o homem pode vivenciar a liberdade é na *polis*, ou seja, na prática política e em nenhum outro lugar.

No entanto, essa vivência da liberdade começa a declinar, segundo Arendt, com o fim do Império Romano e como advento da Antiguidade tardia, em que a liberdade deixa de ser uma prática e se torna um conceito e a filosofia muito contribui para tal a partir de Parmênides. Depois Platão se coloca em oposição a *polis* ao diferenciar opinião e verdade, mas principalmente, ao afirmar que um só homem poderia governar a *polis*: o rei filósofo, alienando os demais homens do exercício da vida pública, distanciando assim, a política de sua possibilidade prática do exercício da liberdade; qual seja: o relacionamento com os outros.

⁷ Ver em Arendt, 2009, p. 214.

Apesar disso, a liberdade é uma questão tardia na filosofia que só veio a ser conceituada com a conversão de Paulo e o advento do cristianismo e, mais, especificamente, com a filosofia de Agostinho, a liberdade passa a ser experimentada no interior do homem que o faz por não poder vivenciá-la no mundo e, embora, ele a tenha perdido no espaço público passa a encontrá-la dentro de si.

Na filosofia de Agostinho a liberdade passa a ser um fenômeno da vontade. O homem passa então a entrar em conflito consigo mesmo, conflito este que advém da consciência de que eu quero certas coisas, as desejo, mas não devo praticá-las, nascendo assim, o eterno dilema entre o eu quero, mas não devo. Segundo Arendt, o cristianismo procura separar a liberdade do fenômeno político, pois o espaço político é o espaço da aparição e o cristianismo não desejava tal aparição, assim, a liberdade deve ser um fenômeno interior e sem fundamento na esfera pública, entendendo, portanto, a liberdade como livre arbítrio. A consequência de tal filosofia é que a vontade se torna impotente impedindo, conseqüentemente, a ação.

A partir daí, as filosofias do século XVII e XVIII passarão a ser pautadas na ideia de soberania, como a de Rousseau: “[...] o representante mais coerente da teoria da soberania, derivada por ele diretamente da vontade, de modo a poder conceber o poder político à imagem estrita da vontade individual” (ARENDR, 2009. p. 212). Uma soberania que é alcançada acima dos outros e independente deles, ou seja, sem um relacionamento com o outro, gerando a perda da liberdade de muitos em favor da liberdade de um indivíduo ou de um grupo. Porém, há alguns exemplos positivos como o de Hobbes que, segundo Arendt, retomou o conceito de liberdade e política antigo apesar de pensar um Estado pautado na segurança, ou seja, na garantia da vida, enquanto processo vital evitando a guerra de todos contra todos, ou ainda Montesquieu que pensou uma política separada da igreja ou secularizada. Todavia, o exemplo que ilustra a vivência política, segundo Arendt, é o conceito de *virtu* de Maquiavel:

Talvez a melhor ilustração de liberdade enquanto inerente à ação seja o conceito maquiavélico de *virtù*, a excelência com que o homem responde às oportunidades que o mundo abre ante ele à guisa de fortuna. A melhor versão de seu significado é “virtuosidade”, isto é, uma excelência que atribuímos às artes de realização (à diferença das artes criativas de fabricação), onde a perfeição está no próprio desempenho e não em um produto final que sobrevive à atividade que a trouxe ao mundo e dela se torna independente. A virtuosidade da *virtù* de Maquiavel relembra-nos de certo modo o fato, embora certamente Maquiavel não o conhecesse de os gregos utilizarem sempre metáforas como tocar flauta, dançar, pilotar e navegar para

distinguir as atividades políticas das demais, isto é, extraírem suas analogias das artes nas quais o virtuosismo do desempenho é decisivo. (2009, p. 199 - 200).

Deste modo, agir politicamente é como produzir uma obra de arte cuja realização é mais importante que o resultado final, embora, se espere que o mesmo seja bom, entretanto, o essencial é o estar aberto às oportunidades e fazer o melhor possível. O mais importante não era o resultado final. Para Arendt, a idade moderna separou liberdade e política ao ver o fenômeno político como necessário apenas à manutenção da vida e da propriedade, passando a interligá-la ao processo vital e, neste contexto, a segurança é confundida com a própria liberdade, pois só é livre o homem que se sente seguro em relação à garantia de seu processo de consumo, no sentido de garantir sua vida e seus bens. A liberdade passa então a ser um fenômeno não político.

Apesar de a tradição pensar a liberdade como fenômeno da vontade, (o que Arendt contesta ao se perguntar como a vontade pode abrigar a liberdade se ela é a faculdade de mandar e dar ordens), Kant muito contribuiu para a questão ao pensar a espontaneidade⁸, pois é dela que nasce a ação como uma ausência de fim previsto, o agir político é pura espontaneidade, forjada no calor das circunstâncias interiores e não previsível. O agir livre é pura criação.

O agir livre é escolha para impetrar o novo e, portanto, é livre de motivos, ele se dá nas circunstâncias mutáveis do mundo e independe do intelecto ou da vontade, no sentido de que o intelecto estabelece metas e julga de acordo com aquilo que considera certo ou errado. A vontade dá início a ação, mas há algo que se manifesta somente no decorrer da ação que é seu princípio inspirador e que não está subordinado aos interesses particulares, mas ao geral, inspiram as ações e as tornam universais: “Tais princípios são a honra, ou a glória, o amor à igualdade [...], mas também o medo, a desconfiança ou o ódio”. (ARENDR, 2009, P.199) Esses princípios se manifestam no ato assim como a liberdade. Assim, os homens livres agem inspirados por estes princípios.

⁸ A autora nos esclarece acerca do problema da liberdade para o pensamento, visto que ao pensarmos a liberdade somos logo arremessados ao problema da causalidade da motivação interna, de um lado, e o princípio causal que rege o mundo exterior, de outro. Kant segundo, Arendt nos salvou dessa aporia ao diferenciar entre uma razão teórica “ou pura” e uma “razão prática” cujo centro é a vontade livre, onde há sempre a possibilidade de agir ou começar. “Essa concepção de que a liberdade é idêntica ao começar, ou falando de novo à maneira de Kant, a espontaneidade é-nos bastante estranha porque faz parte do caráter e das características de nossas tradições de pensamento, identificar liberdade com livre-arbítrio e entender como livre-arbítrio a liberdade de escolha entre coisas dadas — grosso modo, entre bem e mal, mas não a liberdade; simplesmente querer que isso ou aquilo seja assim ou de outra maneira”. (2006, p. 44)

Apesar de a liberdade ser uma questão para toda a teoria política estas erraram ao tentar fazer da liberdade uma questão do pensamento ou do diálogo consigo mesmo distorcendo a mesma, ao tirá-la do âmbito político, do espaço da mundanidade onde o homem se insere por palavras e ações entre seus iguais. As teorias políticas ao contrário a afastaram para a solidão do homem no dialogo consigo mesmo. A liberdade deve ser entendida como fato da vida cotidiana que se revela na ação política, pois:

O homem é o único ser da natureza que possui a faculdade de ser livre. Entretanto, essa liberdade não se reduz a capacidade de escolha – como afirmavam os existencialistas franceses -, e que hoje sabemos os animais também possuem e a exercitam, e sim que implica, sobretudo, na capacidade de criar algo novo. Diferentemente das outras espécies, que por suas características biológicas estão obrigados a comportarem-se de uma maneira determinada, o *homo sapiens* é o único ser capaz de interromper os processos naturais e sociais e de empreender por si mesmo outros novos. Esta condição é, precisamente, a que se anula em uma sociedade totalitária. (KOHN, 2010, p. 62)

Arendt separa liberdade e vontade ou da noção de livre arbítrio. Pois liberdade deve ser aqui entendida como a possibilidade do novo e pertence ao campo da ação. Assim, a ação deve ser livre de motivos que levariam a fins previsíveis. A ação livre deve ser capaz de criar o novo, de transcender o que está dado e ir além do estabelecido, esta deve ser guiada por um princípio que se manifesta na própria ação, ou seja, na ação que o sujeito livre realiza e vive enquanto a ação está se realizando, logo: “Os homens são livres — diferentemente de possuírem o dom da liberdade — enquanto agem, nem antes, nem depois; pois ser livre e agir são uma e mesma coisa” (ARENDDT, 2009, p. 199).

A vontade enquanto faculdade que inicia a ação está sofrendo as consequências do livre arbítrio que a divide em: vontade, força de vontade e vontade para o poder⁹, que são noções quase idênticas para nós, e resulta no relacionamento que o homem estabelece consigo mesmo, numa sede de poder que aliada a constante derrota da vontade, do eu quero, mas não devo gerou a vontade de opressão que tanto visualizamos atualmente na dominação de um indivíduo sobre outro que derivou num quero ávido de poder que gera a tirania, o medo e a violência que é a única que pode garantir a manutenção de um governo tirânico.

⁹ Arendt fala de uma emasculação de faculdades: “Em outras palavras, vontade, força de vontade e vontade de poder são para nós noções quase idênticas; a sede de poder é para nós a faculdade da vontade na forma como ela é conhecida e vivenciada pelo homem em seu relacionamento consigo mesmo. E por essa força de vontade, emasculamos não apenas nossas faculdades racionais e cognitivas, como também outras faculdades mais práticas”. Entretanto, “Somente quando o quero e o posso coincidem a liberdade se consuma”. (2009, p. 208)

A liberdade ainda pode ter seu espaço no mundo, pois cada homem que nasce é um novo começo e é deste ponto de vista um milagre, o milagre da existência humana e de sua capacidade de interromper uma série de acontecimentos, de mudar a história através da ação mesmo em épocas de petrificação e desastre. Somente o homem pode criar acontecimentos grandes e impor um novo começo aquilo que parecia sem salvação, sem saída. A ação é assim um milagre como a própria existência humana ter surgido da “evolução da vida animal”. O homem é o autor do milagre.

3.2 O agir político e a revelação do agente

Ao falarmos da ação tão imprescindível ao fazer político, é necessário lembrar que por ser uma atividade política ela se produz no estar junto, ou seja, na pluralidade humana, pois o homem não é um ser isolado, portanto, necessita da presença de outros para agir, seus iguais. Estamos falando de homens livres que se unem e se distinguem pela ação e pelo discurso, pois ao agir e falar o indivíduo se dá conta de **quem** é, e ao mesmo tempo percebe o outro ao diferenciá-lo de si próprio.

Através da ação o homem se distingue à medida que aparece na comunidade política da qual faz parte, porque palavras e atos nos inserem no mundo e somente no completo silêncio o indivíduo pode esconder **quem** é, o que pensa, como age, uma vez que, agir e falar são uma e mesma coisa, nas palavras de Arendt:

A ação e o discurso são tão intimamente relacionados porque o ato primordial e especificamente humano deve conter, ao mesmo tempo, resposta à pergunta que se faz a todo recém-chegado: “Quem és?” Essa revelação de quem alguém é está implícita tanto em suas palavras quanto em seus feitos [...] (2010, p. 223).

Porquanto, a ação necessita das palavras para ser explicada e, mais ainda, ao falarmos de um ato ou de um fato ocorrido não podemos fugir a necessidade de dizer **quem** o praticou, este ator só é revelado pelo discurso, assim, todo agente necessita que falem sobre **quem** é ou foi através de seus atos.

Embora, esse **quem** não se revele ao próprio sujeito, uma vez que, para este o seu **quem** permaneça oculto e só se revele para o outro, com o qual convivemos mesmo que qualquer pessoa sinta dificuldade em dizer **quem** alguém é, pois sempre que tentamos descrever alguém nos enredamos em uma teia de qualificações que caberia em qualquer outra

peessoa. Entretanto, Arendt nos redime desse abismo ao dizer que é um problema não solucionado pela própria filosofia que sempre foi incapaz de determinar ou responder a pergunta: o que é o homem.

O aparecimento do ser humano, ou seja, a revelação deste **quem** que guarda certa intangibilidade se dá na convivência, na presença de outros por palavras e atos que nos inserem no mundo, desde o nosso nascimento. O homem como todo recém-chegado impõe a novidade, ou seja, um início, um começo que pode nos levar ao improvável. Em todos os seus escritos Arendt fala sobre esta possibilidade que é o nascimento, essa abertura, essa nova esperança que se mostra com cada ser que vem ao mundo, e justamente por ser recém-chegado ainda não está contaminado por nossas covardias e comodismo podendo haver um estranhamento da ordem das coisas, de onde pode nascer uma revolução, uma mudança. Esse novato tem sempre a possibilidade de questionar por que as coisas são dessa e não de outra forma e agir de forma a transformar tudo. Assim, temos que:

Sua abordagem da ação se concentra na escolha individual e na faculdade humana da ação de começar algo novo. O milagre humano seria a capacidade inaugural de ação. Segundo Arendt, o milagre da liberdade está contido nesse poder começar que, por sua vez, está contido no fato de que cada homem em si é um novo começo. (COELHO, 2010, p. 147).

Por ser um novo começo, cada ser humano individualmente carrega em si a imprevisibilidade e constitui, por isso, sempre um milagre prestes a acontecer, a possibilidade de um novo começo. A própria vida humana surgida de um processo inorgânico é por si só, um milagre.

E, como já dissemos acima o **quem** é revelado por palavras e ações, pois, no discurso revelamos o que pensamos, fazemos e pretendemos fazer e pela ação iniciamos um mundo novo. Assim, aparecemos no mundo humano numa relação de alteridade.

Participar do mundo, estar junto aos outros que são iguais a mim por serem humanos, e ao mesmo tempo diferentes de **quem** sou enquanto ser singular me exige que me revele e que diga quem sou e o que pretendo. É correr o risco de se mostrar, pois só apareço me comunicando com as pessoas e agindo entre elas.

A ação e o discurso são o próprio espaço mundano. O mundo humano é feito de palavras e atos e constitui o objeto de interesse do homem, aquele que não se preocupa com este espaço intra-humano, ou seja, com a vida política, perde sua característica mais mundana,

pois está preocupado apenas com o processo vital, com o consumo, com a propriedade como no início do século XX em que o homem foi transformado em um autômato pelo totalitarismo, não participando da vida política estando à margem da realidade mundana, ou da teia de relações humanas. Pois se é pela ação e pelo discurso que o homem interrompe a teia já existente e dá início a outra, em uma sociedade marcada pelo terror essa possibilidade se esvai arrancando do sujeito sua condição de agente.

Ao agir o homem estabelece relações conflitantes com seus pares, pois como são diferentes pensam e agem diferentes, fazendo nascer o conflito, que não é de forma alguma negativo, mas, positivo no sentido de que das posições conflitantes nasce o debate para se chegar ao acordo, condição essencial da vida política. Pois, se não há tal debate é sinal de que a vontade de alguém ou de um grupo está sendo imposta verticalmente fazendo com que uma maioria não tenha voz na vida pública, cujas consequências podem ser a tirania ou o terror.

Toda ação orquestrada na esfera pública gera outra, ou seja, uma reação que leva a outras ações, daí porque não se pode ter total controle das ações na vida pública, há uma total imprevisibilidade, fazendo com que o homem não tenha controle dos resultados gerados por suas ações na vida pública, assim: “a ação atua sobre seres que são capazes de realizar suas próprias ações, a reação, além de ser uma resposta, é sempre uma nova ação que segue seu curso próprio e, afeta aos outros” (ARENDDT, 2010, p. 238).

As ações por se darem na esfera pública da mundanidade, não são exclusivamente de quem as praticou, uma vez que, interfere na vida de outros sujeitos, além de se misturarem a outras ações realizadas por outros agentes. Isto constitui uma esfera pública saudável, onde se é permitido agir livremente, a ação, neste contexto, é imprevisível e o herói ou o agente, já não pode ser apontado como autor do resultado final, pois isso foge ao seu comando, uma vez que, as várias ações se misturam no espaço dos negócios humanos. E o homem ao mesmo tempo em que age sofre a ação de terceiros sendo agente e paciente. Assim, praticamos e padecemos nossas ações e a de terceiros, essa ilimitabilidade, torna leis e instituições frágeis, daí porque Arendt fala de uma fragilidade dos negócios humanos que é imposta pela própria capacidade de ação.

Dessa maneira, somente pode-se dizer o que foi dado fato ou acontecimento quando este termina, pois os atores envolvidos podem falar sobre ele. Entretanto, o historiador está mais apto a relatar um fato do que seus autores, pois este toma certa distância no tempo, explicando assim, porque a história é geralmente contada quando seus atores já estão mortos.

Falamos de uma imprevisibilidade das ações, pois não temos controle sobre o resultado final, assim, como não dispomos da capacidade para desfazê-las, pois é impossível voltar no tempo e devido a essa incapacidade de saber o resultado de uma ação é que podemos dizer que, “não sabemos o que fazemos”.

Neste sentido, uma característica inerente ao ser humano e também necessário as relações mundanas é a capacidade de fazer promessas, pois ao prometer o homem conserva sua identidade podendo no futuro ser lembrado como o autor da promessa nos livrando assim, da obscuridade do coração humano e conservando nossa identidade no grupo político ao qual pertencemos, uma vez que:

A imprevisibilidade, que o ato de fazer promessas dissipa ao menos parcialmente, tem uma dupla natureza: decorre ao mesmo tempo da “obscuridade do coração humano”, ou seja, da inconfiabilidade fundamental dos homens, que jamais podem garantir hoje quem serão amanhã, e da imprevisibilidade de se preverem as consequências de um ato em uma comunidade de iguais, onde todos tem capacidade de agir. A incapacidade do homem para confiar em si mesmo e para ter fé absoluta em si próprio (o que é a mesma coisa) é o preço que os seres humanos pagam pela liberdade; e a impossibilidade de permanecerem como senhores únicos do que fazem, de conhecerem as consequências de seus atos e de confiarem no futuro é o preço que pagam pela pluralidade e pela realidade, pela alegria de coabitarem com outros em um mundo cuja realidade é assegurada a cada um pela presença de todos. (ARENDDT, 2010, p. 304).

Além da necessidade de fazer promessas para garantir certa estabilidade aos negócios humanos há também à necessidade de perdoar, que é um remédio, segundo Arendt, inerente à ação, perdoar é na verdade agir, pois ao perdoar alguém estou tomando uma atitude que põe fim a um ciclo e abre a possibilidade de um futuro menos sombrio. Desta maneira, o que pode nos salvar de um ato nocivo, é a capacidade humana de perdoar, esta faz com que os homens voltem a ser livres, pois o perdoar e o ser perdoado se efetiva no espaço intra-humano liberando o homem do peso do mal, e tornando-o livre para iniciar novas ações. Dessa maneira:

A redenção possível para vicissitude da irreversibilidade — da incapacidade de se desfazer do que se fez, embora não se soubesse nem se pudesse saber o que se fazia — é a faculdade de perdoar. O remédio para a imprevisibilidade, para a caótica incerteza do futuro, está contido na faculdade de prometer e cumprir promessas. As duas faculdades formam um par, pois a primeira delas, a de perdoar, serve para desfazer os atos do passado, cujos “pecados” pendem para a espada de Dâmocles sobre cada nova geração; e a segunda obrigar-se através das promessas, serve para instaurar no futuro, que é por definição um oceano de incertezas, ilhas de segurança sem as quais nem mesmo a continuidade, sem falar na durabilidade de qualquer espécie, seria possível nas relações entre os homens. (ARENDDT, 2010, p. 295)

Somente através dessas duas faculdades os homens podem se sentir livres, para impetrar novas ações no campo da política, pois a capacidade de prometer proporciona segurança no âmbito dos negócios humanos, assim, como a de perdoar traz liberdade, já que, libera o homem da possível ação danosa que possa ter cometido. O que constitui a possibilidade da ação política genuína e comprometida com a verdade sobre a qual discorreremos no próximo capítulo.

4 A RELAÇÃO ENTRE POLITICA, AÇÃO E VERDADE FATUAL NO PENSAMENTO DE HANNAH ARENDT

Hannah Arendt afirma no início do ensaio Verdade e Política que:

Jamais alguém pôs em dúvida que verdade e política não se dão muito bem uma com a outra, e até hoje ninguém que eu saiba, incluiu entre as verdades políticas a sinceridade. Sempre se consideraram as mentiras como ferramentas necessárias e justificáveis ao ofício não só do político ou do demagogo, como também do estadista. Por quê é assim? E o que isso significa, por um lado para a natureza e dignidade do âmbito político, e por outro, para a natureza e dignidade da verdade e da veracidade?(ARENDR, 2009, p. 283)

São estas algumas das questões que a autora se põe ao escrever este ensaio. Dessa maneira, abordaremos aqui a política do ponto de vista material, isto é, dos fatos que envolvem a vida política. A verdade, tida aqui como verdade factual, não a verdade filosófica ou científica, mas aquela verdade que diz respeito à vida pública, ou seja, a verdades dos fatos e eventos históricos. Então surge a pergunta: a verdade tem algum espaço no âmbito dos negócios humanos? Este é um problema atual que desafia a política.

O conflito entre verdade e política nasceu no terreno das verdades racionais, ou mais precisamente, com relação às verdades sempiternas da filosofia, auto-evidentes por si mesmas, e a opinião que pertence ao campo político, pois era na *ágora* ou na praça da *polis* grega que se decidia acerca do destino da cidade e, para tanto, havia que se ter em conta as várias opiniões e ouvir os vários discursos para se chegar ao acordo, diferente da filosofia onde a verdade é alcançada por um só homem, que como pré-requisito para sua validade deve estar em acordo consigo mesmo, valendo a lei de não contradição, ainda que o mundo afirme o contrário.

O opositor mais célebre da opinião em relação à verdade é Platão, esta sua desvalorização da opinião ou da vida pública nasceu por ocasião do julgamento de Sócrates onde o mesmo teria percebido não ser a *polis* um lugar seguro para o filósofo, ou para aquele que diz a verdade e procura fazer dela um bem de todos. Daí porque Platão pautou sua filosofia em um mundo das ideias ou em um mundo onde tudo é verdadeiro e seguro, em detrimento a um mundo de aparências que constitui o âmbito dos negócios humanos. Procurando assim, impor um padrão ou uma tirania da verdade a este mundo. Para Platão a única forma de se chegar à estabilidade no campo da política seria o filósofo governar a *polis*.

Para entendermos como isso se deu é necessário voltar no tempo e entender de que maneira o julgamento de Sócrates afetou o pensamento platônico:

A oposição entre verdade e opinião foi sem dúvida a mais anti-socrática conclusão que Platão tirou do julgamento de Sócrates. Ao fracassar em convencer a cidade, Sócrates mostrou que a cidade não é um lugar seguro para o filósofo, não só no sentido de que sua vida não está garantida em virtude da verdade que possui, mas também no sentido, muito mais importante, de que não se pode confiar à cidade a preservação da memória do filósofo. Se os cidadãos puderam condenar Sócrates à morte, era muito provável que o esquecessem depois de morto. Sua imortalidade terrena estaria a salvo somente se pudessem inspirar-se por uma solidariedade própria, que se opusesse a solidariedade da *polis* e dos seus concidadãos. (ARENDRT, 2003, p. 92)

Daí nasceu à oposição entre a vida do filósofo, pautada nas verdades imutáveis e a vida do cidadão um campo aberto a várias possibilidades, marcando a diferença entre verdade como um conhecimento seguro, e a opinião pertencente ao âmbito dos assuntos humanos, regido pelo debate, pela troca de ideias e, principalmente, pela persuasão e dissuasão onde vence aquele que conseguir convencer o maior número ou a multidão. Em oposição ao filósofo que possui uma verdade singular impossível de ser alcançada pela massa. Nasce aí a degradação da opinião que acompanhara toda a tradição ocidental de pensamento

Platão fora um dos primeiros a separar verdade e opinião. Portanto, a verdade não pertence e nem pode ser alcançada por todos, daí o filósofo ter a missão de ser o transmissor da verdade aos demais, que são guiados por meras opiniões, estando sujeitos ao erro e a ilusão, logo, o mesmo, uma vez que, conhece a verdade é a pessoa mais indicada para governar a cidade. Assim, a oposição entre verdade e opinião se deu primeiramente no campo da racionalidade separando a vida do filósofo da vida do cidadão.

A política, como já dissemos, é o campo da opinião, do debate, do conflito de ideias distintas, daí o conflito com a filosofia enquanto conhecimento seguro. O modo de asserção da filosofia é a dialética enquanto o da política é a persuasão da multidão. Este conflito entre filosofia e política para Arendt ultrapassou seu mentor Platão e chegou a pré-modernidade com Hobbes que opôs os princípios de verdade aos de eloquência mutável da opinião, e chega mesmo a ser espantoso como o âmbito político foi sempre posto em segundo plano dentro da filosofia, mais preocupada com as verdades seguras, ou com o transcendente. Porque se preocupar com o mundo que está em constante mudança se podemos cuidar do que é eterno?

A separação entre verdade e opinião acompanhou toda a tradição de pensamento até a modernidade. Para Arendt, foi Kant o grande divisor desta corrente de pensamento ao afirmar que não podemos conhecer tudo, a razão humana possui limitações, deixando claro que a verdade metafísica não poder ser conhecida, mas podemos viver com base nos preceitos morais que cada um se impõe e toma como verdade.

Apesar de ter nascido em oposição à verdade racional a oposição entre verdade e política se inverteu chegando-se a ser mais tolerantes com relação às verdades filosóficas (o filósofo já não corre nenhum risco ao expor suas ideias ao mundo) do que com a verdade factual, ou seja, com aqueles acontecimentos que são publicamente conhecidos, fatos e eventos que foram testemunhados por muitos, mas que, no entanto, foram transformados em tabus e silenciados não se permitindo a discussão sobre os mesmos. Como nos lembra Arendt, na Alemanha e na Rússia era mais perigoso falar em campos de concentração conhecidos publicamente que emitir opinião sobre o antissemitismo, racismo e comunismo.

Isso figura um importante sinal no campo da vida pública, pois se no Mito da Caverna o contador da verdade é hostilizado por tentar abrir os olhos de seus contemporâneos para as verdades eternas e imutáveis, ou de um mundo além do que estes podem perceber. O contador da verdade factual não tem nenhum consolo, pois fala tão somente das verdades deste mundo, isto é, dos acontecimentos que podem ser conhecidos por todos, pois pertencem ao âmbito dos negócios humanos, levando a suspeitar que a política esteja fadada a negar e perverter a verdade.

A verdade factual é aquela que diz respeito aos fatos e eventos que ocorrem na política que envolve muitas pessoas, testemunhas, documentos e exige comprovação. Fatos necessitam de interpretação sob o risco de serem meramente descritos e tomados como justificação da realidade, ou serem negados. Tais verdades para que apareçam à sociedade necessitam que haja liberdade para falar, liberdade de imprensa, ou de opinião, desde que, alguém queira falar sobre ela, seja historiador ou não.

No ensaio *Verdade e Política*, Arendt menciona como exemplo, de esforço para que tais verdades sejam negadas a invasão Alemã na Bélgica:

É verdade que seria preciso bem mais do que os caprichos de historiadores para eliminar da memória o fato de que, na noite de 4 de agosto de 1914, tropas alemãs cruzaram a fronteira da Bélgica; seria necessário nada menos que o monopólio do poder sobre todo o mundo civilizado. Mas tal monopólio de poder está longe de ser inconcebível, e não é difícil imaginar qual seria a sorte da verdade factual se os

interesses do poder nacionais e sociais, tivessem a última palavra em tais assuntos. Isso reconduz-nos à nossa suspeita de que pode ser do domínio político estar em guerra com a verdade em todas as suas formas, e, por conseguinte, a questão de saber por que mesmo um empenho com a verdade factual é sentido como uma atitude antipolítica. (2009, p. 296-297)

O que possibilita esta negação ou tentativa de negação dos fatos é que a verdade factual não é auto-evidente, seu modo de asserção é a opinião, e as opiniões são movidas por diferentes paixões, daí ser a interpretação de um fato essencial para sua compreensão, pois os fatos pertencem ao passado estando, portanto, para além de sua ocorrência original, e embora, não se possa negar um fato, uma vez que este ocorreu de tal maneira e pertence ao passado, para negá-lo seria necessário o monopólio de todo o mundo civilizado (mesmo que para Arendt, como vimos, isso não seja impossível) sempre se pode adular ou tentar negá-lo.

A verdade racional é antagonica a opinião, pois a primeira está além da discussão. A verdade factual também parece sê-lo, uma vez que está além de qualquer acordo, pois como dissemos não se pode mudar o ocorrido, A questão é: Como conciliar verdade e debate?

O contrário da verdade era a opinião, entretanto, esta continua sendo o seu opositor, uma vez que, há uma tentativa de fazer com que a verdade factual, ou seja, um fato ocorrido de tal maneira e tendo várias pessoas como testemunha seja apresentada como mera opinião. Para distorcer os fatos é necessário fazer com que pareça que quem o testemunhou esteja apenas emitindo sua própria opinião sobre o mesmo, o que é uma boa saída, porquanto, as pessoas são movidas por diferentes desejos, nada mais natural do que dar aos fatos o desenvolvimento que cada um deseja em seu intimo, distorcendo os mesmos com mentiras.

O que acontece atualmente é a tentativa de reduzir a verdade factual à mera opinião, isto é, fazer parecer que aquele que conta a verdade está apenas emitindo sua opinião. Pois, ao contrário das verdades racionais, do tipo: três ângulos de um triangulo são iguais aos dois ângulos de um quadrado, que ao serem alcançadas tornam-se “irremovíveis”, e, uma vez aceitas não podem ser recusadas, os fatos por não serem auto-evidentes necessitam de interpretação o que coloca o contador da verdade em suspeita, pois ele poderia sempre estar mentido, o mentiroso por outro lado, sempre pode afirmar ser aquela sua opinião e reclamar direito a emití-la.

Entretanto, a verdade factual é diferente da opinião, pois, não podemos negar que os fatos ocorreram de certa maneira em determinado momento. Além disso, a verdade é

coercitiva, está além da opinião e da interpretação que alguns podem dar aos fatos, pois está além do debate e do acordo, ou seja, ela é o que parece porque é.

Outro fator relevante e que contribui para a tentativa de mascaramento da verdade, é que os fatos poderiam sempre ter ocorrido de outra maneira, assim, os fatos não são evidentes por si mesmos, o que abre ao mentiroso a possibilidade de corrompê-los, nos livrando de sua imprevisibilidade. E a única maneira de se conhecer um fato é falando sobre ele, então porque não narrá-los de uma maneira que agrada a quem vai ouvir? Mentir confirma a liberdade humana e, também, constitui um milagre na medida em que nos torna parcialmente livres das circunstâncias, nos proporciona a certeza de que podemos mudá-las, o problema é o abuso dessa capacidade que gera a mendacidade, tão empregada pelos políticos e que corrompem a esfera pública ao camuflar verdades que deveriam ser do conhecimento geral. É o que Arendt nos coloca nesta passagem:

Em outras palavras, a capacidade de mentirmos — mas não necessariamente de dizermos a verdade — é dos poucos dados óbvios e demonstráveis que confirmam a liberdade humana. O simples fato de podermos mudar as circunstâncias sob as quais vivemos se deve ao fato de sermos relativamente livres delas, e dessa liberdade é que se abusa, pervertendo-a através da mendacidade. Se para o historiador profissional, cair na armadilha da necessidade e negar implicitamente a liberação de ação é uma tentação pouco menos que irresistível, para o político profissional é quase igualmente irresistível superestimar as possibilidades dessa liberdade e, implicitamente, tolerar a negação ou distorção mentirosa dos fatos. (2009, p.310)

Para Arendt, mentir é próprio da liberdade humana, da vontade de mudar as circunstâncias o problema é o abuso dessa capacidade, pelos políticos que insistem em negar os fatos, elaborando o mentir organizado através dos meios de comunicação de massa para enganar a todos, causando a alienação pela manipulação de fatos e opiniões, criando imagens embusteiras da realidade, assim, somente aquilo que não ameaça o governo deve aparecer.

A verdade factual tem como seu contrário a mentira ardilosamente orquestrada no intuito de destruir a verdade. Se na Grécia antiga os cidadãos eram considerados ignorantes em relação às verdades filosóficas, hoje a sociedade produz seres alienados à verdade dos acontecimentos mundanos através de mentiras divulgadas por meios tecnológicos que chegam a todos e fazem creditá-las e preferi-las em detrimento a verdade, inclusive por aqueles que as produziram.

A verdade factual é frágil, pois necessita de testemunhas, registros, documentos, estes podem sofrer falsificação, quanto às testemunhas sempre nos pautamos pelo que diz a

maioria, entretanto, o sentimento de pertencer à maioria pode arrastar a testemunha a distorcer os fatos. Assim, como o contador da verdade factual, para que sua verdade seja aceita pela multidão deve abrir mão do único elemento que tornava segura sua imparcialidade e independência, uma vez que deve ter o apoio da multidão. O contador da verdade ao adentrar “[...] no âmbito político com seus interesses parciais e formação de poder concilia acerca da única qualidade que poderia ter tornado plausível sua verdade, a saber, sua veracidade pessoal, assegurada pela imparcialidade, integridade e independência” (ARENDDT, 2009, p. 309).

O motivo para que haja essa vontade de distorcer a verdade é que ela é a política ou antipolítica por definição, pois a política é representativa¹⁰, ou seja, procura atingir o maior número de pessoas e levar em consideração a opinião do outro, isto é, satisfazer o desejo da maioria e, portanto, está pautada na persuasão e na retórica para convencer o maior número de pessoas. Enquanto que a verdade está além do debate, pois os fatos ocorreram de uma maneira e não de outra, e por fazerem parte do passado não podem ser modificados tendo apenas que ser aceitos. Assim: “[...] o estorvo é que a verdade factual como qualquer outra verdade, pretende peremptoriamente ser reconhecida e proscree o debate, e o debate constitui a própria essência da política” (ARENDDT, 2009, p. 299).

No entanto, a verdade factual tem sua maior opositora à mentira ou o mentir organizado, que nada mais é que a manipulação dos fatos e opiniões através da criação de imagens que encobrem ou destroem fatos, que não constituem segredos, mas são conhecidos de todos. Para tanto, se lança mão das modernas técnicas de comunicação de massa, mais precisamente da propaganda não para iludir o inimigo como se fazia com a mentira tradicional¹¹, pois, em todo corpo político sempre houve segredos que serviam para manter a

¹⁰O âmbito político é possível devido à capacidade existente no homem a de ser representativo, ou seja, pensar no outro ou nos que não estão presentes, se colocar no lugar do outro é o que Kant chama de mentalidade alargada, que funda o pensamento discursivo onde homem é capaz de ter em consideração as opiniões conflitantes, e a partir de uma generalidade chegar a uma decisão que se aproxima mais do que é bom para todos ou ao menos para a maioria. Assim: “Quanto mais posições de pessoas eu tiver presente em minha mente ao ponderar um dado problema, e quanto melhor puder imaginar como eu sentiria e pensaria se estivesse em seu lugar, mais forte será minha capacidade de pensamento representativo e mais válidas minhas conclusões finais, minha opinião. (É essa capacidade de uma ‘mentalidade alargada’ que habilita os homens a julgarem : como tal, ela foi descoberta por Kant na primeira parte de sua Crítica do Juízo, embora ele não reconhecesse as implicações políticas e morais de sua descoberta”. (ARENDDT, 2009, p. 299)

¹¹Arendt aborda ainda a diferença entre a mentira tradicional que buscava apenas iludir o inimigo, voltando-se para a política externa, e que, portanto não queria mudar o contexto, se a verdade era ocultada, isto não se dava

ordem e a segurança do mesmo, principalmente do inimigo externo. Entretanto, o que se percebe é a tentativa de se criar outra realidade ou um sucedâneo a realidade que visa atingir não o inimigo mais a massa (o público interno), pois que aqui mais perigoso que o inimigo externo é aquele que conhece a verdade e tenta transmiti-la aos demais, este deve ser silenciado e até mesmo eliminado, como se fazia nos governos totalitários com aqueles que ousavam discordar.

Se antes a mentira tradicional queria iludir o inimigo e a verdade permanecia restrita ao círculo dos estadistas e diplomatas, e poderia vir à tona a qualquer momento devido a suas falhas e incongruências, por ser mesmo uma mentira particular. Isso já não se verifica nos corpos políticos onde a mentira deve substituir a realidade para todos, inclusive para quem a criou gerando o autoengano e ocasionando a destruição de qualquer vestígio da verdade pela destruição de documentos, registros, testemunhas, pois a teia de ilusões deve atingir toda a sociedade, não importando quantos serão eliminados para que isto venha a acontecer.

Neste contexto, em que todos mentem e se enganam aquele que diz a verdade age e realiza o milagre da mudança do que está posto, ou seja, exerce a sua capacidade de mudar o mundo que existe em potencialidade em todo homem. Ao demonstrar o conflito entre imagens, uma vez que:

As imagens têm, pois, uma probabilidade de vida relativamente curta; é de crer que seriam desacreditadas não apenas quando a fraude for derrubada e a realidade reaparecer em público, mas antes mesmo que isso aconteça, pois constantemente fragmentos de fatos perturbam e desengrenam a guerra de propaganda entre imagens conflitantes. (ARENDR, 2009, p. 316)

As imagens procuram encobrir fatos que são ditados pelas circunstâncias e não possuem estabilidade, é difícil conseguir encobrir os fatos ou criar imagens para manter a mentira infinitamente, pois a capacidade de agir no homem é ilimitada podendo a verdade surgir das falhas dessas imagens.

Vivemos em sociedade e os fatos se desenvolvem na vida pública diante de muitos, entretanto, para que venham a ser conhecidos é necessário que se fale sobre eles, daí o

de forma definitiva, uma vez que, os governantes a mantinham longe da multidão, mas guardadas consigo próprios, podendo esta vir a ser revelada a qualquer momento.

risco de serem distorcidos, uma vez que, a opinião sobre um fato pode não ser fidedigna e mesmo documentos podem ser falsificados, daí a importância do historiador comprometido com a verdade, e da imparcialidade da testemunha. E como já dissemos nem mesmo o fato de ter sido testemunhada por muitos é garantia da verdade.

A não separação entre verdade factual e opinião ocasiona a mentira, ou são as formas que o mentir pode assumir, pois a opinião pode distorcer os fatos. Entretanto, o mentiroso é um homem de ação, pois mente por que deseja que as coisas tivessem sido diferentes, o mentiroso deseja mudar o mundo, e realizar um milagre, pois, lembremos que falar e agir são uma e mesma coisa e aquele que mente age por querer transformar o mundo. E enquanto o mentiroso é quase sempre bem aceito com seu poder de persuasão, o contador da verdade não o é, porque põe em risco toda uma realidade fantasiosa que as pessoas gostam ou estão habituadas a de ter, pois a verdade quase sempre se opõe ao prazer, daí porque o que conta a verdade necessita se aliar aos interesses do mundo para que seja ouvido contrariando sua ideia inicial de se opor a ele.

A mentira organizada cria como vimos o tabu, isto é, não se deve falar sobre certos assuntos, embora sejam do conhecimento de todos, como os campos de concentração do governo nazista. E mesmo nos governos democráticos a verdade tem sido negligenciada ou ocultada para não por em risco o conformismo da maioria. Por serem vulneráveis ao necessitarem de alguém que fale sobre eles os fatos têm sido facilmente distorcidos pelo mentiroso profissional, ou o político, daí surge à violência, que significa fazer uso dos meios mais sofisticados para negar um fato, mesmo que custe à vida de alguém ou de um grupo.

A mentira moderna procura destruir a verdade, uma vez que, esta não permanece guardada com ninguém porque ela é banida, pois, quem produz a mentira antes de enganar os demais engana a si mesmo e procura mudar o contexto dos acontecimentos levando ao autoengano, “porque a auto ilusão se tornou um instrumento indispensável ao mister de fazer imagens [...]” (ARENDT, 2009, p. 313).

E um dos meios mais eficazes para se fazer isso tem sido a propaganda nacional, uma mentira institucionalizada que cria em todos a impressão de que as coisas deveriam ser exatamente como são. Esta imagem deve atingir a todos, sobretudo aos que desejam a verdade, estes devem ser silenciados, pois mais perigoso que o inimigo externo é a verdade e, neste contexto, passa-se a substituir a verdade por mentiras e até preferi-las.

No entanto, por pior que seja o contexto há sempre a esperança de que tudo mude com as brechas deixadas pelo sistema e pelas possibilidades humana, pois, as imagens precisam mudar constantemente o que pode evidenciar a verdade e mostrar o conteúdo mentiroso de uma imagem que intencionava encobrir a verdade.

As mentiras são impetradas sempre em determinadas circunstâncias que mudam constantemente, dando espaço às potencialidades humanas de mudar o contexto, pois onde todos mentem aquele que diz a verdade age. As imagens podem ser facilmente manipuladas e editadas, mas não possuem a estabilidade da verdade nem a irreversibilidade dos fatos que ocorreram no passado e são, portanto, inalteráveis.

Além disso, o futuro não está ao alcance do criador de imagens, este é pura possibilidade tornando impossível dizer por quanto tempo uma imagem será satisfatória ou oferecerá um substituto à verdade, uma vez que as imagens tem vida curta e necessitam ser alteradas constantemente. Há aqui a importância do historiador, poeta, intelectual, cientista, comprometidos com a verdade. Além da academia que não veio a se tornar uma contra sociedade como pensava Platão, mas tem contribuído ao lado do judiciário independente para que verdades indesejáveis viessem a aparecer. A resposta à questão se a verdade tem ainda algum espaço na política é respondida por Arendt ao afirmar que ela tem sobrevivido em espaços que, embora, não sejam políticos como o judiciário e a academia fornecem a esperança de que a verdade seja ainda bem vinda ao mundo.

4.1 O que representa uma ação política dissociada da verdade

Arendt afirma que a mentira sempre foi um recurso do poder ou um artifício político e que chega mesmo a ser benéfica, em outras palavras a mentira é útil à manutenção do Estado: “E as mentiras, visto serem amiúde utilizadas como substitutos de meios mais violentos, podem ser consideradas como instrumento relativamente inofensivo no arsenal da ação política” (2009, p. 284). Entretanto, há um limite para o uso da mentira no espaço público sob o risco de perdermos o sentido sob o qual nos orientamos no mundo, pois se a mentira torna-se corriqueira: em que se poderá confiar? O que servirá de alicerce seguro a constituição do espaço democrático?

O que se tem visto atualmente é o uso da mentira para encobrir interesses mesquinhos por parte de quem está no poder e para tanto conta-se com a tecnologia, com

propaganda, uma vez que, o domínio da informação encontra-se nas mãos de poucos, daí porque os diversos governos detentores desses meios os utilizam para mascarar a verdade e manipular as massas.

É manifesto de todos, o poder que tem os meios de comunicação de massa que nos informam tanto sobre o que devemos consumir, os lugares que devemos frequentar, sobre o que e quando devemos falar, a moda e até o que devemos pensar. A quantidade de informação que nos assalta todos os dias (muitas delas desnecessárias e repetitivas) vem até nós sob o ponto de vista do discurso competente e nos impede de pensar, (pois afirma que alguém é autorizado para fornecer uma dada informação seja por sua profissão como é caso do jornalista, ou por que tenha estudado o assunto). Além disso, temos sempre a impressão de que sabemos de tudo, pois recebemos diariamente notícias do mundo inteiro e em tempo real.

No entanto, esta é exatamente a maneira como quem detém o poder nos manipula, pois a transformação do homem moderno em animal *laborans*, ou seja, um ser que consome, e as informações fazem parte de nossa voracidade, aniquilou nossa capacidade de julgar, ao sermos assim manipulados pela criação de factoides, acontecimentos descontextualizados, abordagens tendenciosas, sensacionalismo, etc. Imperando o ditado que diz que uma mentira repetida mil vezes torna-se verdade.

Geralmente os governos “democráticos” tem se utilizado deste expediente para controlar a sociedade. É bem verdade que sem a imprensa não poderíamos nos situar no mundo moderno, entretanto, o abuso deste meio de comunicação invalida a relação entre governantes e governados, uma vez que estes últimos já não possuem direito a opinião, pois não conhecem a verdade o que os impede de participar efetivamente da vida pública enquanto cidadãos, pois, se são conduzidos como gado como podem decidir o destino da gestão pública?

A mentira, como afirma Arendt, é um dos artifícios dos governos democráticos (assim como o fora do governo totalitário), pois é utilizada para manipular as massas, que se deixam levar pela situação confortável onde a criação de imagens explica a realidade. A contingência dos fatos, ou seja, a possibilidade de que poderiam ter ocorridos de outra maneira, sua instabilidade sempre incomodou o homem daí a comodidade de se ter uma imagem onde os acontecimentos são explicados de maneira a fazer parecer que não poderia ser diferente, uma inevitabilidade inerente.

Assim, se explicam os fatos mais inconvenientes ou mesmo se oculta, se destrói. Arendt assevera que o que a preocupa não é a mentira ser aceita como verdade, mas a verdade ser difamada como mentira. Colocando a política em risco, já que se cria uma apatia com relação aos negócios humanos, onde todas as mentiras são aceitas gerando um cinismo generalizado, onde não pode haver debate, troca de opiniões, isto é, vida política.

Aliás, dentro dos governos onde a mentira impera há um conformismo confortante, que aquele que ousa dizer a verdade e agir corre o risco de ser isolado e excluído, aqui não se permite opositores, uma vez que não se permite diálogos. Ou ainda pode-se simplesmente afirmar que aquele que ousou dizer a verdade apenas emitiu sua opinião como tantos outros e, em seguida, tudo volta ser como era e todos esquecem. A ficção criada para manter o que está posto é tão bem vinda que aqueles que se insurgem têm tratamento desqualificado, e mais uma vez, a propaganda é usada para criar uma imagem pejorativa dos opositores que devem ser excluídos do mundo, como aconteceu com Trotsky:

Quando Trotsky escutou que nunca desempenhara nenhum papel na Revolução Russa, deve ter tomado consciência de que sua sentença de morte fora assinada. Evidentemente, é muito mais fácil eliminar uma figura pública da história se, ao mesmo tempo, ela puder ser eliminada do mundo dos vivos. (ARENDR, 2009, p.312)

Podemos perceber nesta passagem que não somente se adulteram documentos, distorcem fatos como eliminam testemunhas e agentes. A mentira e a propaganda geram um enfraquecimento da cidadania, pois suscita o desinteresse pela coisa pública, ou seja, nascem os preconceitos contra a política, “[...] a concepção de a política ser, em seu âmago interior, uma teia feita de velhacarias de interesses mesquinhos e de ideologia mais mesquinha ainda [...]” (ARENDR, 2006, p. 27). Criando a ideia de que a injustiça seja a mediadora do espaço público em sociedades democráticas. Daí nasce a ideia de que a população não decide o destino do Estado e de que é comum pôr os interesses pessoais acima dos coletivos e de que a verdade não faz parte dos atributos políticos.

Se antes a mentira era impetrada apenas para ludibriar o inimigo externo, nas modernas sociedades o embuste tem sido aliado poderoso do governo, para silenciar o povo, pois o mentiroso tem a vantagem de saber de antemão o que as pessoas querem ouvir, ele jamais fala sobre fatos inconvenientes ou incômodos. Mas grave que isso é que mais que ludibriar as massas, o próprio governo passa a acreditar em suas mentiras provocando o

autoengano que não só faz com que a verdade seja encoberta, mas que talvez nunca venha a ser conhecida.

Entretanto, o espaço da política é um espaço de construção onde todos participam e o futuro não pode ser antecipado, nem a capacidade de agir pode ser eliminada, o que põe em risco as imagens criadas com o fim de esconder ações escusas, pois, é necessário sempre criar mais imagens para manter uma primeira imagem mentirosa, o que pode revelar a verdade. Porquanto, estas imagens não são perfeitas e não podem substituir a verdade coercitiva, as imagens contem falhas e, embora, o mentiroso seja um homem de ação, onde todos mentem o que conta a verdade age e pode assim mudar o contexto.

No mundo contemporâneo há vários segredos de Estado que ameaçam a vida como a contaminação em larga escala, as armas nucleares e os experimentos sigilosos, bem como, aqueles segredos impetrados por interesses mesquinhos que originam a corrupção, que gera mazelas como: fome, doenças, analfabetos e, seja nas grandes potencias ou nas sociedades latino-americanas (como exemplo claro disso podemos citar o Brasil e o escândalo do mensalão) há que se frear os segredos e as mentiras que põem em risco a vida e a dignidade humana e procuram cercear os direitos do homem conquistados a custa de muitas vidas, inclusive inocentes.

É necessário que a sociedade participe ativamente da vida política para que esta venha a ser o espaço da pluralidade e não da violência. Para que não ocorra a alienação do mundo, que é o espaço onde nos movimentamos e é a nossa casa. O isolamento à vida privada ou a busca de interesses que só viriam a beneficiar a nós mesmos ou o grupo ao qual pertencemos só fortalece os políticos hipócritas e demagogos sem compromisso com a verdade, daí a importância do jornalista, do historiador, da universidade e da própria desobediência civil, de movimentos reivindicatórios (a finalidade das revoluções é a liberdade política) que aguçam nossa capacidade de falar e agir.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos aqui abordar a política tanto do ponto de vista teórico ou conceitual quanto do ponto de vista prático, ou seja, dos eventos e acontecimentos que envolvem a cena pública. Pois ao final do ensaio: *Verdade e Política* Arendt fala o seguinte:

Como tratei aqui da política da perspectiva da verdade, e portanto de um ponto de vista externo ao âmbito político, deixei de mencionar, ainda que de passagem, a grandeza e a dignidade daquilo que ocorre em seu interior. Falei como se o âmbito político não fosse mais do que um campo de batalha de interesses parciais e antagonicos, onde nada contasse senão prazer e lucro, partidarismo e ânsia de domínio. Em resumo, tratei da política como se eu também acreditasse que todas as questões públicas são governadas por interesse e pelo poder, e que não haveria sequer um âmbito político caso não fossemos abrigados a cuidar das necessidades da vida. O motivo dessa deformação é que a verdade fatural entra em conflito com o político apenas a esse baixíssimo nível dos negócios humanos, exatamente como a verdade filosófica de Platão conflitava com o político ao nível consideravelmente mais elevado da opinião e da concórdia. Dessa perspectiva, continuamos inscientes do verdadeiro conteúdo da vida política — da recompensadora alegria que surge de estar na companhia de nossos semelhantes, de agir conjuntamente e aparecer em público; de nos inserirmos no mundo pela palavra e pelas ações, adquirindo e sustentando assim nossa identidade pessoal e iniciando algo inteiramente novo. (2009, p. 324- 325)

Nesse trecho Arendt nos fala, de um lado, da política de um ponto de vista utilitário, ou seja, do jogo de interesses que envolvem a política na modernidade, onde o que conta é o lucro e o domínio orquestrado pelo partidarismo. De outro lado, há uma política limpa onde o homem livre e consciente de seu papel social na companhia de seus semelhantes fala e age aparecendo no mundo público. E é exatamente essa noção do que seria a vida política verdadeira, esta alegria do estar junto na pluralidade humana e que se baseou a primeira parte deste trabalho, onde abordamos o sentido da política, em que mais que estar junto o homem percebe o outro por palavras e atos, uma vez que são estes os elementos que nos inserem no mundo.

Percebemos que é neste contato que constitui a relação dialógica que nos identificamos ou nos descobrimos enquanto homens ao nos diferenciarmos dos outros, que são iguais a nós mesmos (enquanto homens, mas que, no entanto, possuem sua singularidade) que está contida a dignidade da política. Assim, procuramos interligar essas duas visões da política que não necessariamente se excluem para tentar ter uma visão do todo da coisa política.

O âmbito dos negócios humanos é o espaço do conflito, do debate, da retórica como o intuito de convencer a multidão. Ora, o homem não desfruta desse espaço político sozinho, suas palavras e ações estão sempre direcionadas a outrem, seus iguais, daí ser este âmbito o lugar da opinião ou da troca de opiniões conflitantes que é exercido por homens livres.

Na *polis* na companhia dos outros o homem podia exercitar plenamente sua liberdade, já que estava liberado das preocupações com a vida doméstica, portanto só há liberdade no campo público quando há liberação, a liberdade não deve ser tratada como um conceito, (como o fez a tradição filosófica) mas como uma experiência que o homem só alcança no âmbito da vida pública ao se vê livre das preocupações com a manutenção da vida.

É nesta vivência, na qual se estabelecem relações conflitantes com seus pares, que o homem percebe **quem** é, pois nesta ocasião ocorre a revelação do agente, ou seja, ao falar e agir. Só podemos saber **quem** alguém é quando este adentra o intra-espaço mundano por palavras e ações. Apenas no silêncio o homem pode esconder **quem** é. Pelo discurso este agente pode ainda exercer a vida pública convencendo outros a segui-lo em suas concepções.

Contudo, a ação no campo da política instaura um novo mundo, e neste sentido é uma experiência de fundação que vai ao encontro a todas as probabilidades ao mesmo tempo em que foge a um fim previsto. E enquanto agem os homens estão exercendo sua liberdade nem antes nem depois.

Ao longo do desenvolvimento deste trabalho percebemos como o homem deixou de agir politicamente ao perder a liberdade enquanto inerente ao espaço público da pluralidade, e conseqüentemente, se esvaziou o sentido de política. Essa degradação da política deu-se quando esta passou a ser vista com desconfiança primeiro por Parmênides e depois por Platão, que opôs verdade e opinião passando aquela a ser o fundamento da política conceitual.

A falta de credibilidade da opinião se refletiu na política, uma vez que esta se baseia na troca de opiniões, e fez com que toda a Tradição de pensamento, salvo raras exceções desqualificasse a opinião enquanto fundamento do âmbito dos negócios humanos. Foi no momento da condenação de Sócrates que Platão teria passado a ver a *polis* como um lugar não seguro para o filósofo. Pois, a tentativa de Sócrates de convencer a multidão falhou. Sem contar que o filósofo sempre foi considerado como alheio dos assuntos públicos, pois este sempre estivera mais preocupado com as ideias imutáveis, se distanciando na solidão do

pensamento, o que sempre foi motivo de chacota e estranheza como nos mostra o exemplo de Tales que teria caído num poço enquanto olhava para o céu.

A Antiguidade Tardia (quando da queda do império Romano que possibilitou a não vivência da liberdade na cidade-estado) transformou a liberdade em um fenômeno do pensamento, mais tarde com o advento do cristianismo, a conversão de Paulo e a filosofia de Agostinho a política sofreu um duro golpe, visto que, a liberdade que antes estava ancorada na vivência política do espaço público, agora passa a ser uma liberdade interior, que o homem vivencia dentro de si na solidão de seus pensamentos, não mais na companhia do outro.

Neste momento, (apesar da liberdade ser um problema tardio para a filosofia) tem início a concepção de liberdade como livre arbítrio, vivenciada na interioridade, sendo possível ser escravo neste mundo e, ainda assim ser livre. A liberdade passa a ser um fenômeno da vontade e o homem passa a entrar em conflito consigo mesmo, ao admitir que quer certas coisas, as deseja, mas não deve querê-las, nem praticá-las. A consequência disso é a constante derrota da vontade que gera no homem uma vontade de opressão que dará origem as terríveis formas de governos tirânicos.

Outro fato que podemos destacar que muito contribuiu para a perda da noção de política enquanto liberdade está ancorada no fato do cristianismo pregar a imortalidade da alma, ou seja, existe um mundo para além deste onde se pode viver feliz para sempre, e ainda que este mundo esteja condenado e o homem viva escravizado e subjugado pelo trabalho e preocupação com o sustento pode ainda ser feliz, não mais na *polis* como pensava Aristóteles, mas no além-mundo, desde que esteja disposto a sacrificar tudo em nome de sua salvação não terrena, o que ocasionou a inversão mundo-vida, passando esta a ser o bem mais importante, nas palavras de Arendt houve a sacralização da vida, já que esta passa a ser o bem supremo do homem, pois abre passagem para a próxima.

Depois, com a modernidade e o desenvolvimento da ciência e das modernas técnicas que auxiliam o prolongamento da vida esta passou a ser um bem cada vez mais valorizado em detrimento ao mundo comum. A política no Estado Moderno deve se preocupar com a segurança e a propriedade. Também se passou a delegar a preocupação com o mundo ou com os assuntos públicos a um só homem ou a uma minoria, fazendo com que o cidadão deixasse de ser atuante no campo político, abandonando essa preocupação aos políticos profissionais. O que vemos é um homem engessado e incapaz de agir, ou seja, o abandono da coisa pública.

Também a ascensão da burguesia (que cuidava dos assuntos e interesses de assuntos privados, ou seja, com a manutenção da vida doméstica, portanto a sobrevivência) para a esfera da administração do Estado, crescendo com isso a preocupação com a vida, com a segurança e a possibilidade de adquirir bens de consumo o que, segundo Arendt, se manifesta nas modernas teorias políticas.

Todos estes fatores fizeram com que o homem perdesse a capacidade de vivenciar a coisa política, a verdadeira vida política, visto que a vida passou a ser o bem mais importante em detrimento ao mundo comum. A liberdade fica ameaçada ou desaparece, já que, ao ter que sacrificar uma coisa ou outra o homem moderno prefere abrir mão da liberdade no espaço da aparência, para cuidar de interesses particulares e, ainda que viva em opressão como nos governos tirânicos, este já não participa da vida pública, pois, não tem disposição nem liberação para o debate, para a troca de opinião e muito menos para a ação.

Isso tudo pôs em dúvida a capacidade do homem de interromper processos e possibilitou o nascimento do totalitarismo, que já estava em germe tanto no Imperialismo quanto no antissemitismo, trazendo o medo e o terror, pondo em risco aquilo pelo qual o homem havia aberto mão de sua participação na vida pública: a vida. Se o sentido moderno da política é a vida este sentido encontra-se ameaçado pelas armas de destruição em massa.

Neste contexto, a verdade factual, isto é, a verdade dos fatos e eventos históricos e que tem muitos por testemunha, uma vez que ocorre na esfera pública, tem ficado a mercê de embusteiros, que movidos por interesses de governantes não comprometidos com a verdade e com os interesses da sociedade tem utilizado à propaganda tecnológica, a mentira, a imagem, bem como forjado interpretações errôneas para desvirtuar os fatos e ludibriar as massas, implantando a suspeita, a padronização, a incapacidade de consciência crítica e o medo.

Do ponto de vista prático, de acordo com Arendt, o que vemos tanto nos governos totalitários quanto nas modernas democracias é a verdade factual, isto é a verdade dos fatos e eventos históricos ser silenciada e os assuntos que interessam a toda sociedade transformados em tabu, ou seja, existem assuntos sobre os quais não nos é permitido falar. A quem interessa isso?

Os governos tem tentado ocultar a verdade dos fatos pela destruição de documentos, registros e testemunhas como acontece atualmente com os jornalistas, em que o Estado procura cercear a liberdade de imprensa e de opinião criando falsificações, ameaçando e eliminando testemunhas no intuito de destruir a verdade.

Entretanto, apesar de esta ser uma abordagem bastante pessimista, há inda uma esperança para a humanidade e a esperança é o próprio homem com a sua capacidade de agir ilimitada, que pode interromper processos apesar das probabilidades dizerem o contrário. Pode-se e deve-se esperar um milagre:

Portanto se esperar um milagre for um traço característico da falta de saída que nosso mundo chegou então essa expectativa não nos remete, de modo nenhum, para fora do âmbito político original. Se o sentido da política é a liberdade, isso significa que nesse espaço e em nenhum outro — temos de fato o direito de esperar milagres. Não porque fossemos crentes em milagres, mas sim porque os homens enquanto puderem agir, estão em condições de fazer o improvável e, saibam eles ou não, estão sempre fazendo. A pergunta se a política tem algum sentido nos remete, justamente quando ela termina na crença em milagres— e onde mais deveria terminar senão aí — de volta forçosamente a pergunta sobre o sentido da política. (ARENDT, 2006, p. 45)

Essa capacidade de ação torna possível que o agente venha dentro de um contexto mentiroso, dizer a verdade; em um ambiente de terror fazer manifestações, revoluções e mudar tudo a sua volta. Pois, o homem mesmo não pode prever o fim de sua ação. A esperança se renova a cada nascimento, a cada novo ser quem vem ao mundo pleno de possibilidade, pois o homem carrega a liberdade em potência.

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. Verdade e Política in: **Entre o Passado e o Futuro**. Trad. Mauro W. Barbosa de Almeida. 6. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2009.
- _____. Que é liberdade? in: **Entre o Passado e o Futuro**. Trad. Mauro W. Barbosa de Almeida. 6. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2009.
- _____. **O Que é Política?** Trad. Reinaldo Guarany. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand. Brasil, 2006.
- _____. **A Condição Humana**. Trad. Roberto Raposo. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- _____. **A Dignidade da Política:** ensaios e conferências. Trad. Helena Martins et. al. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.
- COELHO, Maria Francisca Pinheiro. A Política Como Liberdade em Hannah Arendt. In: NASCIMENTO, Paulo; BREA, Gerson (Org.); MILOVIC, Miroslav (Org.). **Filosofia ou Política? Diálogos com Hannah Arendt**. São Paulo: Annablume, 2010.
- FERRATER, Moora, **Dicionário de Filosofia**, 4ª ed. São Paulo, Martins Fontes Editó, 2001.
- KOHN, Carlos. A Ideia de Liberdade Como Práxis Política na “Teoria da Ação Comunicativa” de Hannah Arendt. In: NASCIMENTO, Paulo; BREA, Gerson (Org.); MILOVIC, Miroslav (Org.). **Filosofia ou Política?** Diálogos com Hannah Arendt. São Paulo: Annablume, 2010.
- LAFER, Celso. A Mentira: um capítulo da relação entre a ética e a política. In Novaes, Adauto. **Ética**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 225-237.
- _____. **Hannah Arendt:** pensamento, persuasão e poder. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- XARÃO, Francisco. **Política e Liberdade em Hannah Arendt**. Rio Grande do Sul: UNIJUÍ, 2000.